

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES

GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

LUÍS FELIPE SOUTO LOYOLA

Serpentes & Árvores
Representações na prática do desenho

UBERLÂNDIA

2017

Serpentes & Árvores
Representações na prática do desenho

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de graduação no curso de Artes Visuais do Instituto de Arte da Universidade Federal de Uberlândia.

Orientação: Prof. Dr. João Henrique Lodi Agreli

UBERLÂNDIA

2017

LUÍS FELIPE SOUTO LOYOLA

SERPENTES & ÁRVORES

Representações na prática do desenho

Trabalho de conclusão de curso
apresentada como requisito para obtenção do
título de graduação no curso de Artes Visuais
do Instituto de Arte da Universidade Federal de
Uberlândia.

Uberlândia, 27 de setembro de 2017.

Prof. Dr. João Henrique Lodi Agreli UFU/MG

Prof. Dr. Ronaldo Macedo Brandão UFU/MG

Prof. Dr. Douglas de Paula UFU/MG

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que estiveram por perto neste ano de 2017 e contribuíram para a conclusão deste curso.

Ao Prof. Dr. João Henrique Lodi Agreli pela confiança, paciência e orientação neste trabalho.

À banca examinadora composta pelo Prof. Dr. Ronaldo Macedo Brandão e Prof. Dr. Douglas de Paula, pelo interesse em meu trabalho e pelas conversas ao longo dos meses.

Aos vários professores do curso de Artes Visuais que pude ter a oportunidade de aprender e compartilhar conhecimento nestes quatro anos.

Aos meus queridos companheiros artistas que fiz durante estes anos no curso de Artes Visuais, compartilhando e trocando idéias que levarei para sempre.

À meu pai, minha mãe, e minha irmã, Adriano Mota Loyola , Cibeles Nobre Souto Loyola e Lila Souto Loyola pela paciência, apoio e amor durante toda uma vida.

À Kelly Cipriano de Sousa Brandão pelo amor, pelo companheirismo e força, me proporcionando a oportunidade de aprender todos os dias.

Aos meus queridos amigos que me acompanham desde sempre fora da universidade, na música e nos momentos bons.

A todos, muito obrigado!

"Nos deixamos vagar"

(LEFT TO WANDER - NEUROSIS, 2004)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso se trata de uma pesquisa prática, onde pretende-se alavancar a produção, perceber e entender o processo criativo e também a relação do desenho com o artista. O trabalho também faz uma busca iconográfica nas principais referências do universo criativo do artista, fazendo uma relação com a pesquisa prática. Os elementos representados são a serpente e a árvore, e por tratar de figuras repletas de simbologia, se estabelece aqui, uma relação dos mesmos.

Palavras-chave: Desenho, serpente, árvore, mitologia, processo criativo

ABSTRACT

The present completion of course work is a practical research, with the objective to increase the personal production, percieve and understand the relation between the drawing and the artist. This work also make a research through the main references inside the creative universo of the artist, making relations with the practical research. The main elements represented are the serpent and the tree, and because it is full of symbology, it establishes an relation between them.

Keywords: Drawing, Serpent, tree, mythology

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Desenho A3 Serpente e Árvore.....	15
Figura 2: Capa do álbum <i>Violent Pacification</i> [1983].....	16
Figura 3: Capa do álbum <i>Scum</i> [1987]da banda Napalm Death.	16
Figura 4: cartaz antigo de evento de <i>hardcore punk</i>	17
Figura 5: Cartaz de evento realizado em Belo Horizonte[2015].	17
Figura 6: Desenho realizado em 2007..	18
Figura 7: Voideath, <i>Sem título</i> , 2013, Nanquim sobre papel.....	20
Figura 8: Voideath, <i>Sem título</i> , 2013, Nanquim sobre pape.....	21
Figura 9: Voideath, <i>Sem título</i> , 2016, Nanquim sobre papel.....	21
Figura 10: Camisetas para a empresa Angara Foods.....	22
Figura 11 : : Camisetas para a empresa Frazão Tattoo & Incêndio Shop.	22
Figura 12: Gravura realizada durante a disciplina de gravura em metal.	23
Figura 13: Gravura realizada durante o Ateliê em xilogravura. Fonte: Acervo do autor.	24
Figura 14: : Cartaz de concerto de Neurosis e Tes	26
Figura 15: Dylan Garret Smith "Life and Death of the Optimist" (2017).....	26
Figura 16: : Exemplo de árvore do cerrado	27
Figura 17: Jibóia.	27
Figura 18: Desenho A5 Serpente e Árvore.....	29
Figura 19: Ouroboros	30
Figura 20: <i>The Ash Yggdrasil</i> [1886] - Friedrich Wilhelm Heine.....	31
Figura 21: Desenho A5 Serpente e Árvore.....	32
Figura 22: Desenho A4 Serpente e Árvore.....	33
Figura 23: <i>Bibel in Bildern 008</i> [1860].....	34
Figura 24: Desenho A5 Serpente e Árvore.....	36
Figura 25: Serpente de duas cabeças encontrada no Paraná.....	37
Figura 26: Serpente asteca de duas cabeças.	38
Figura 27: Desenho A2 Serpente e Árvore.....	39
Figura 28: Agnello Transforming Into A Serpent	41
Figura 29: <i>Encyclopaedia Britanica</i> - 9ª Edição - 1875	43
Figura 30: <i>Adult chosenia habit—trees growing in the grove</i> Kolesnikov - 1937.....	44

Figura 31: Capa do álbum Only the dead know the end of war[2003]	46
Figura 32: Capa do álbum Gravelord[2009]	47
Figura 33: Capa do álbum Split das bandas O Cúmplice e Besta.	48
Figura 34: Capa do álbum I[2014], da banda Aphorism.	49
Figura 35: Desenho A5 Serpente e Árvore.....	50
Figura 36: Desenho A5 Serpente e Árvore.....	51
Figura 37: Desenho A5 Serpente e Árvore.....	52
Figura 38: Desenho A5 Serpente e Árvore.....	53
Figura 39: Desenho A5 Serpente e Árvore.....	54
Figura 40: Desenho A5 Serpente e Árvore.....	55
Figura 41: Desenho A4 Serpente e Árvore.....	56
Figura 42: Desenho A4 Serpente e Árvore.....	57
Figura 43: Desenho A3 Serpente e Árvore.....	59
Figura 44: Mesa redonda com os artistas participantes da exposição "Frestas que Possibilitam Festas" IV EREBIO 2017	62
Figura 45: Exposição: Frestas que Possibilitam Festas	63
Figura 46: Montagem do lambe-lambe..	64
Figura 47: Roda de conversa com artistas e aluno	65
Figura 48: J unto a obra apresentada. Fonte	66
Figura 49: Desenho A5 Serpente e Árvore.....	69
Figura 50: Desenho A5 Serpente e Árvore.....	70
Figura 51: Desenho A5 Serpente e Árvore.....	71
Figura 52: Desenho A5 Serpente e Árvore.....	72
Figura 53: Desenho A5 Serpente e Árvore.....	73
Figura 54: Desenho A4 Serpente e Árvore.....	74
Figura 55: Desenho A4 Serpente e Árvore.....	75
Figura 56: Desenho A4 Serpente e Árvore.....	76
Figura 57: Desenho A4 Serpente e Árvore.....	77
Figura 58: Desenho A4 Serpente e Árvore.....	78
Figura 59: Desenho A4 Serpente e Árvore.....	79
Figura 60: Desenho A3 Serpente e Árvore.....	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. HISTÓRICO E CONSTRUÇÃO	16
1.1 Descobrimdo as primeiras referências	16
1.2 Definindo o desenho	19
1.3 Construindo as idéias	22
2 O DESENHO E AS REFERÊNCIAS	28
DA SERPENTE E DA ÁRVORE	
3 PROCESSO CRIATIVO E	43
REFERÊNCIAS VISUAIS	
3.1 A prática	49
4 EXPOSIÇÕES	
4.1 A Exposição "Frestas que possibilitam festas"	62
4.2 A Exposição "Resistindo pelas frestas"	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
6. APÊNDICE	69

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho consiste na produção de desenhos a partir de diversos tipos de referenciais, nos quais os elementos centrais serão a serpente e a árvore. O trabalho sintetiza as motivações e descobertas percebidas e feitas ao longo do curso de Artes Visuais na Universidade Federal de Uberlândia, permitindo alavancar a produção pessoal e identificar as etapas do processo criativo além de, ajudar a entender melhor a proximidade com os elementos escolhidos bem como a técnica utilizada.

O desenho sempre esteve fortemente ligado às minhas próprias manifestações artísticas como principal linguagem desde o período da infância, o que me motivou a maior aproximação com as Artes Visuais e o desenvolvimento do desenho. Ao longo dos últimos anos percebi que em outras produções de minha autoria, a árvore se fez elemento recorrente em diversos momentos, inclusive anterior ao ingresso no curso de Artes Visuais. Ao fazer um comparativo com os trabalhos que a árvore se faz presente, pude notar que mesmo não propositalmente, as imagens tinham uma certa semelhança. A serpente também torna-se um elemento no trabalho, visto que é possível estabelecer uma relação entre a árvore e a cobra, sendo este outro elemento recorrente nos trabalhos anteriores e dadas as significações religiosas e mitológicas, considere interessante estes serem o objeto do trabalho.

Ao longo da história, a serpente foi colocada como um dos animais mais representativos na mitologia e religião, ora com uma significação negativa, ora com uma significação positiva. Interpretada de várias maneiras, o animal sorrateiro, silencioso, que não tem membros locomotores é carregado de simbologia e significado:

A serpente - tanto quanto o homem, mas contrariamente a ele - distingue-se de todas as espécies de animais. Se o homem está situado ao final de um esforço genético, também será preciso situar esta criatura fria, sem pata, sem pelo, sem pluma, no início deste esforço. Neste sentido, Homem e Serpente são opostos, complementares *Rivais*. Nesse sentido, também há algo de serpente no homem e, singularmente, na parte de que o seu entendimento tem o menor controle. Um psicanalista (JUNH, 237) diz que a serpente é um *vertebrado que encara a psique inferior, o psiquismo obscuro, o que é raro, incompreensível, misterioso*. E, no entanto, não há nada mais comum, nada mais simples que uma serpente. Mas sem dúvida, não há nada mais escandaloso para o espírito justamente por esta simplicidade. (CHEVALIER, 1998. p. 814)

A árvore é também um elemento rico em simbologia, freqüentemente venerada como símbolo dos seres divinos ou abrigo. Símbolo do renascimento, símbolo da vida que

vence a morte. Apontada para cima, crescimento sólido e fixo à terra, constantemente representada também como o símbolo da imortalidade. Ligação do subterrâneo com o céu. A natureza mostra-se bela em sua complexidade que o encanto se faz presente nas superfícies irregulares e tortuosas, podendo na aleatoriedade mostrar o rigor de um desenvolvimento sólido, que em momento parece ter sido de fato planejado.

A árvore põe igualmente em comunicação os três níveis do cosmo: o subterrâneo, através de suas raízes sempre a explorar as profundezas onde se enterram; a superfície da terra, através de seu tronco e de seus galhos inferiores; as alturas, por meio de seus galhos superiores e de seu cimo, atraídos pela luz do céu. Répteis arrastam-se por entre suas raízes; pássaros voam através de sua ramagem. ela estabelece, assim, uma relação entre o mundo ctoniano e o mundo uraniano. Reúne todos os elementos: a água circula com sua seiva, a terra integra-se a seu corpo através das raízes, o ar lhe nutre as folhas, e dela brota o fogo quando se esfregam seus galhos um contra o outro. (CHEVALIER, 1998. p. 84)

Por se tratar de elementos que mexiam com o imaginário das sociedades, é possível na história da arte, encontrar inúmeras referências ao tema em praticamente todas as linguagens existentes na arte, desde a antiguidade até hoje. Este fato foi importante para começar a realizar a busca pelos elementos centrais e ver como a serpente e a árvore vem sendo colocados na arte.

De início a ambientação escura ou clara, se fez presente paradoxalmente com a ausência de elementos mas tendo seu reforço na cor escura ou na ausência de cor. De início, não se configurou como um dos elementos pensados de minha produção, porém, sua recorrente presença conferiu aos desenhos o ar sombrio, vazio e desolador, passando a estabelecer um forte diálogo com a serpente e a árvore.

A minha forte ligação com a música, mais especificamente com bandas de *Heavy Metal*¹ e *Hardcore Punk*², me permitiu ir de encontro aos primeiros referenciais que me instigaram a começar alguma produção. O primeiro contato se deu através das capas de discos e cartazes de apresentações de conjuntos que mais me agradavam e me despertaram a buscar os artistas que o faziam. Na internet, mais especificamente nas redes sociais Instagram e Facebook, pude ir ao encontro e descobrir mais dos trabalhos

¹ Estilo musical dentro do *Rock and Roll* marcado por batida forte e musicalidade intensa, normalmente acompanhado por uma conduta e estética própria. WEINSTEIN, Deena. *Heavy Metal: the music and its culture*. New York: De Capo, 1991/2000. Disponível em <https://whiplash.net/materias/biografias/146852.html>. Acesso em 02/07/2017.

² Estilo musical proveniente do Punk Rock, caracterizado por batidas rápidas e musicalidade intensa fortemente ligado a política. Disponível em <https://whiplash.net/materias/biografias/201666.html>. Acesso em 02/07/2017.

destes artistas. Neste ponto, descobri que existia todo um leque de ilustradores de diferentes técnicas que dedicavam-se a produção destas ilustrações, seja para capas, fanzines³, cartazes de eventos ou demais materiais. É interessante salientar que a temática também permeia nos trabalhos dos artistas que eu pude tomar como referência, me fazendo perceber que os elementos naturalmente se convergem, tornando possível estabelecer uma ligação do tema, som e visual.

³ Publicação independente sem fins lucrativos de poucas tiragens que expõe algum assunto e se mantém a margem do mercado. Caracterizados por serem feitos de maneiras primitivas. *Henrique Magalhães (2013). Marca da Fantasia, ed. O rebuliço apaixonante dos fanzines. 3. [S.l.: s.n.]*. Disponível em <http://marcadedefantasia.com/livros/quiosque/rebulico3/O%20rebulic%CC%A7o%20apaixonante%20dos%20fanzines%20-%20Henrique%20Magalha%CC%83es.pdf>. Acesso em 25/07/2017.

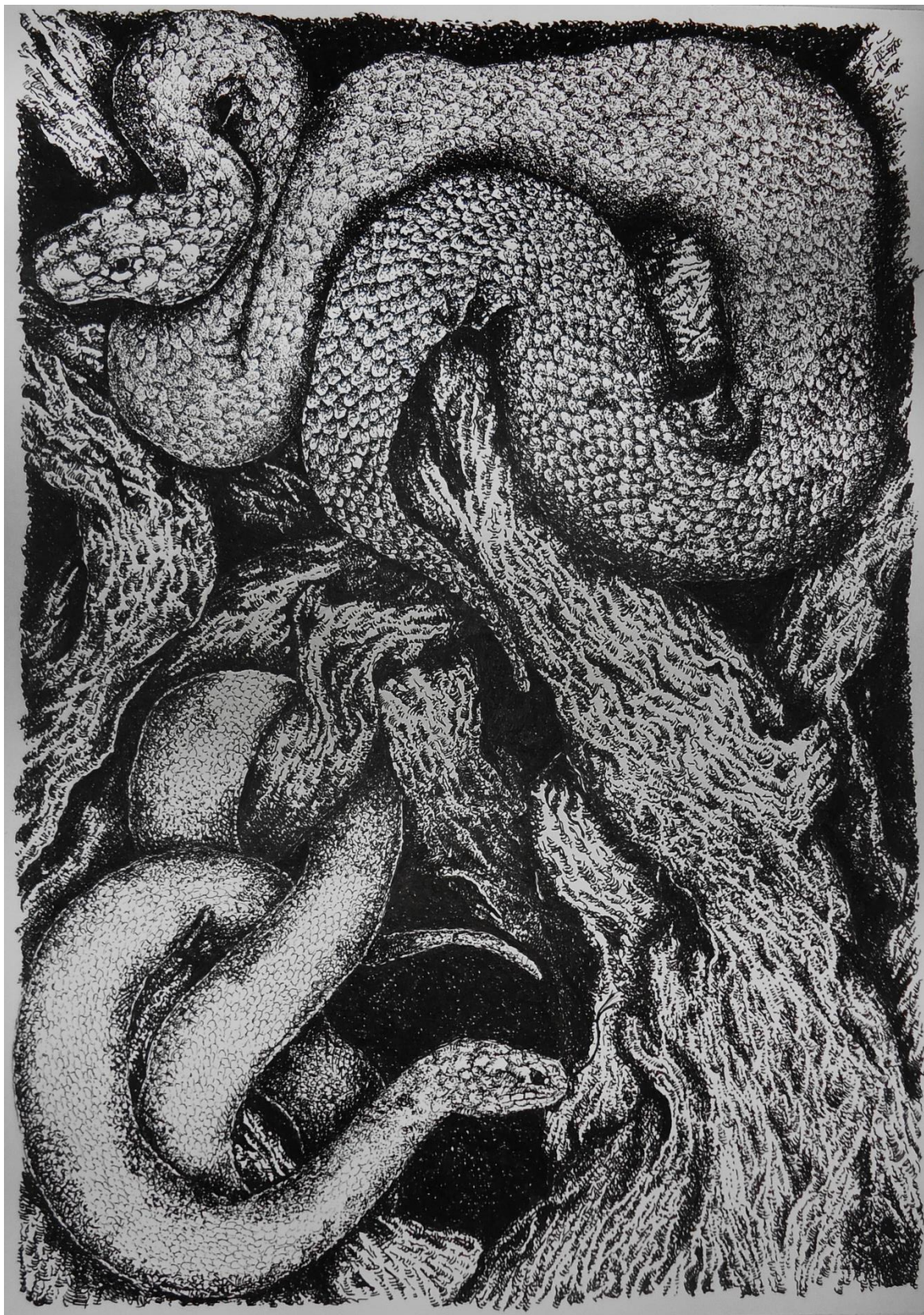


Figura 1: Desenho A3 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Posca sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.

1. HISTORICO E CONSTRUÇÃO

1.1. Descobrimdo as primeiras referências

O desenho na perspectiva deste trabalho se manifesta enquanto linguagem capaz de expressar desde de muito cedo minha identidade. Aos dezesseis anos passei a me interessar ainda mais pelo *heavy metal*, *hardcore punk* e especificamente seus subgêneros como *death metal*, *thrash metal*, *black metal*, *grindcore*, *crossover thrash* e *crust punk*. representados por nomes como Death, Venom, Entombed, Discharge, Napalm Death, Slayer, Terrorizer, Extreme Noise Terror, Amebix, D.R.I, Cro-Mags, Ratos de Porão, entre outros. De modo geral, estes nomes representaram uma porta de entrada para um universo dotado de símbolos e significados que posteriormente ajudaram a balizar algumas forças expressivas do meu desenho.



Figura 2: Capa do álbum *Violent Pacification*[1983] da banda Dirty Rotten Imbeciles.



Figura 3: Capa do álbum *Scum*[1987]da banda Napalm Death.
Fonte: <https://www.discogs.com/Napalm-Death-Scum/master/6599>

Além da questão sonora, existe neste universo uma manifestação visual que pode ser evidenciada nas capas de discos e cartazes de shows. Estas características imagéticas também influenciaram a construção da minha personalidade e, conseqüentemente, a minha identidade artística. O próprio fascínio pelas capas de discos, me permitiu perceber que a motivação deste trabalho, teve um embrião formado na minha adolescência. Quando mais novo, tinha muito interesse de reproduzir diversas capas de discos nas folhas não preenchidas nos cadernos, era como um passatempo nos momentos mais tediosos ou nos momentos livres. Desde a infância, o desenho é uma forma que encontrei para expressar aquilo que despertava a minha atenção.



Figura 4: cartaz antigo de evento de *hardcore punk*. Fonte: <http://hardcoreshowflyers.net/?p=250>



Figura 5: Cartaz de evento realizado em Belo Horizonte[2015]. Fonte: Acervo do autor.

Por se tratar de uma atividade na qual eu tive profunda imersão, a música, sua expressão visual e o seu discurso, foram meus "objetos" que me marcaram e serviram para mim como uma forma de linguagem para a minha comunicação. A partir de análise desta época, é possível fazer um paralelo com o homem primitivo, uma vez que o desenho sintetizava as descobertas e os fascínios daquele período colocados no papel:

O homem sempre desenhou. Sempre deixou registros gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados à posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre esteve presente, desde que o homem inventou o homem. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais, e, por ser tão simples, teimosamente acompanha nossa aventura na Terra. (DERDYK, 1990, p. 10)

Assim como para o homem primitivo, o desenho enquanto linguagem representou uma forma de manifestar sua existência, a influencia deste universo foi na minha vida a maneira pela qual eu encontrei para me comunicar. De certa forma, o desenho foi e é o registro gráfico desta identidade.



Figura 6: Desenho realizado em 2007. Fonte: Acervo do autor.

Esta imagem acima, é um exemplo de um desenho realizado no auge dos anos de descobrimento deste universo. Os dizeres no desenho, é um título de uma música da banda de *thrash metal* carioca Farscape. Existe no desenho acima, características que o identificam como parte deste universo onde tive minha imersão na adolescência. Tem-se os logos das principais bandas que ouvia na época, e um zumbi adentrando uma parede com o sinal do pentagrama, que garante ao desenho a ambientação demoníaca e, ao mesmo tempo as demais características identificadas em outras imagens de conjuntos como: cinto de bala, skate, símbolo radioativo, escritas e o ambiente de destruição.

1.2 Definindo o desenho

Ao longo do tempo, passei a ter contato com outras referências, como cenas de filmes e tatuagens que permitiram a expansão do que eu já havia apreendido e me proporcionaram o contato com outras manifestações e técnicas. Não obstante, criei o interesse em buscar os artistas que produziam as capas dos discos que eu admirava e, assim passei a descobrir os nomes de artistas que pintaram e desenharam capas já conhecidas por mim, além de ter acesso a outros artistas que não conhecia.

Houveram pequenos períodos de afastamento do desenho e do interesse pelas capas, mas em linhas gerais, é possível perceber que a minha ligação com as imagens, obras e elementos que tangem a música, especialmente os subgêneros do rock citados, sempre foi muito intensa. É importante ressaltar que, junto com as capas, o interesse pelo irreal sempre manteve presente. Figuras imaginárias sempre estiveram ocupando minhas principais referências e com isso passei a produzir também desenhos de figuras como zumbis e mortos vivos.

Passado algum tempo, alguns anos antes do ingresso no curso de Artes Visuais na Universidade Federal de Uberlândia, comecei a definir a técnica da hachura e do pontilhismo, que mantive por quase todo o período de estudo no curso, utilizando canetas de tinta nanquim⁴. O pontilhismo consiste no agrupamento de diversos pontos que de acordo com a proximidade entre eles garante textura e luz. A hachura é uma técnica que se expressa por meio de traços rápidos de variados tamanhos que preenchem as áreas destinadas ao sombreamento e, podem ser utilizadas de diversas maneiras,

⁴ Tinta chinesa utilizada desde a antiguidade para escrita e desenho. Fonte: <http://nanquim.com.br/sobre-a-tinta-nanquim/>

assim como o pontilhismo, esta técnica tem como objetivo criar os efeitos de luz e sombra.

Ainda neste período, precisamente ao final do ano de 2012, criei um pseudônimo de nome Voideath com o qual passei a assinar alguns trabalhos. Na tradução livre do inglês, *void* quer dizer: o vazio, o nada, espaço; *death*, é a tradução em inglês para morte. Sendo assim, as duas palavras se juntam e formam uma espécie de trocadilho com as significações, sendo a letra "d" o elo de ligação entre as duas. É fundamental fixar que Voideath, embora siga uma identidade gráfica e estética rigorosa com poucas variações, não é um personagem fictício no qual eu crio um alter-ego e uma identidade como artista. Não trabalho o desenho de forma a expressar os anseios e uma poética própria, nem de um personagem. Tratou-se apenas uma maneira que encontrei para assinar meus trabalhos, uma espécie de marca própria.



Figura 7: Voideath, *Sem título*, 2013, Nanquim sobre papel
Fonte: Acervo do autor.



Figura 8: Voideath, *Sem título*, 2013, Nanquim sobre papel
Fonte: Acervo do autor.

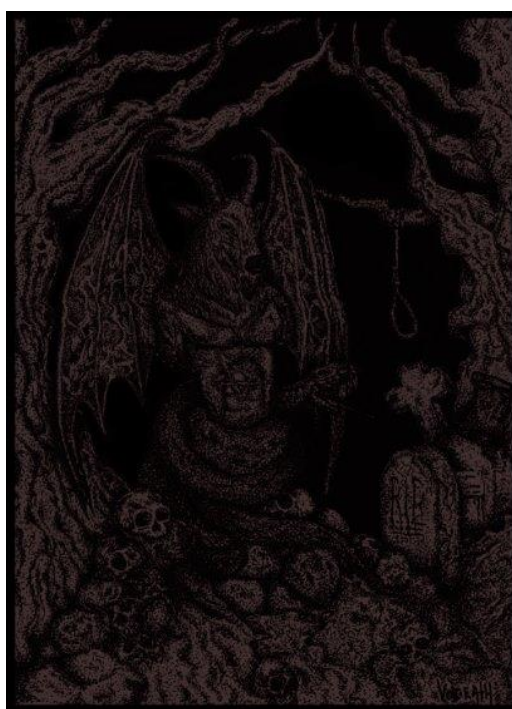


Figura 9: Voideath, *Sem título*, 2016, Nanquim sobre papel
Fonte: Acervo do autor.

Embora não exista um alter-ego de Voideath como artista, a morte e o vazio são duas características presentes nos trabalhos que assinei com esta identificação. O pseudônimo apenas é utilizado em trabalhos que sigam a estética em questão.

Com este pseudônimo, realizei algumas ilustrações sob encomenda nos últimos anos, já ingresso no curso de Artes Visuais:



Figura 10: Camisetas para a empresa Angara Foods.
Fonte: Acervo do autor.

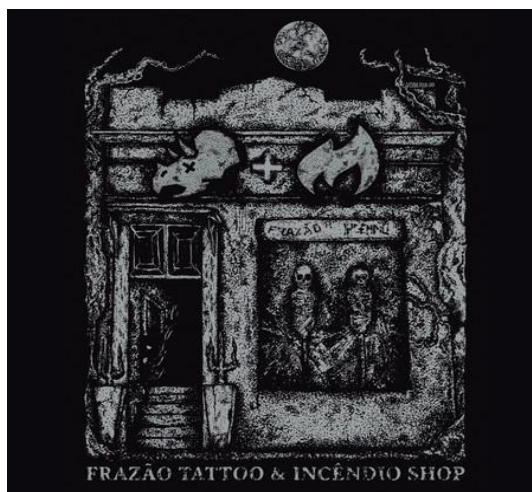


Figura 11 : : Camisetas para a empresa
Frazão Tattoo & Incêndio Shop. Fonte: Acervo do autor

1.3 Construindo as ideias

Enquanto aluno do curso de Artes Visuais pude experimentar diversas linguagens e técnicas na arte proporcionadas pelo estudo acadêmico. A aproximação com técnicas como pintura, cerâmica e gravura, ajudaram a aumentar meu repertório artístico. Isto é, quanto mais aprofundava destas técnicas, ainda que me afastasse um pouco do desenho, passei a enxergá-lo de maneira mais lúcida, fazendo com que eu me aproximasse cada vez mais dele. Esta experimentação me permitiu, portanto, definir o desenho e as técnicas de textura com o nanquim como minha principal linguagem. Definitivamente a experimentação dessas outras técnicas não foi negativa, visto que a gravura em metal e

a xilogravura, que também partem do desenho, foram dois balizadores importantes do meu trabalho. Minha construção estética apresenta relações com a gravura, assim como minha poética que tem como referências diversos gravuristas presentes na história da arte.

Neste momento, tive contato com alguns nomes relevantes da história da arte em que em seus trabalhos, continham elementos que se aproximavam com o que eu pretendia com o desenho. Estes artistas, exploravam temáticas fantasiosas, utilizavam tons pretos e acinzentados.



Figura 12: Gravura realizada durante a disciplina de gravura em metal. Fonte: Acervo do autor.

No experimento com a gravura em metal, passei a me aproximar de elementos que viriam a ser centrais no desenvolvimento deste trabalho. Na impressão gerada, tem-se um cenário de total destruição, desolação e morbidez, onde restos humanos pairam sobre o solo infértil, em primeiro plano, sustentados por uma figura de um cão raivoso e demoníaco, que parece ameaçar o observador. Ao fundo vemos uma explosão à esquerda que sustenta o cenário destroçado, juntamente com um céu nublado e contaminado, reforça a ideia de morte. Ao centro tem-se o resto de uma árvore, completamente seca e sem vida, assim como a ambientação escura. Para fechar o cenário, em um dos galhos da árvore, tem-se um nó de força, que indica mais uma vez a presença da morte.



Figura 13: Gravura realizada durante o Ateliê em xilogravura. Fonte: Acervo do autor.

Nesta impressão feita em xilogravura, tem-se o cenário do vazio, com a imagem da árvore no centro e duas serpentes aos lados. A árvore porta-se de maneira sólida, mantendo a divisão da imagem e mostra-se escura, com suas texturas evidentes, podendo ser uma ligação com dois planos na imagem. As serpentes se portam de maneira misteriosa, como estivessem escondidas, sendo a serpente da esquerda menor, porém aparecendo-se mais na imagem. A serpente da direita mostra-se maior, porém aparece menos e evidencia suas escamas. O fundo faz-se presente como um nada, onde também é possível fazer uma leitura como um elemento desolador.

Minhas produções em xilogravura e gravura em metal, apresentam os elementos que fundamentam o desenvolvimento deste trabalho, árvore, serpente e a ambientação escura e vazia. Pensando de forma cronológica, elas representam um ponto de referência no meu aprendizado, pois a partir daí passei a incorporar cada vez mais estes elementos em meus desenhos, até o ponto em que dei a eles um papel central na minha produção. Isto me permitiu o aperfeiçoamento das técnicas do pontilhismo e da hachura, além do desenvolvimento de uma técnica própria que mescla as duas e que resultou neste trabalho de conclusão de curso.

Com efeito, não há como dizer o porquê do interesse pelos elementos presentes nos desenhos, uma vez que tive essa percepção ao longo de alguns trabalhos realizados. No entanto, a serpente e a árvore estão diretamente relacionados com as demais referências que fui acumulando ao longo da minha vida. Não houve nenhum ponto de partida religioso ou místico e a produção deu início simplesmente a partir do desejo de explorar as texturas e linhas, a fim de aproximar o trabalho às minhas referências. Este trabalho serviu para entender o que pretendo comunicar com o desenho. Criei com o desenho uma representação de uma situação que por mais que tenha elementos reais não é um registro factual de uma cena. Como aponta Azevedo:

[...] Deste modo, o representado, não necessita, obrigatoriamente, de existir na realidade, pode constituir-se como a concepção de algo imaginário que de tão coerente, induz o observador a crer no que vê como possível. Constantemente a obra de arte trata aglomerados de diferentes proveniências do real ou metamorfoseia-se com origem em elementos concretos. (Azevedo, Ana Alexandra Loureiro Neves da Costa, 2009, p . 39)

Dessa forma, ainda que não seja uma representação palpável de um fato, há dentro do desenho uma realidade própria no qual as serpentes genéricas e as árvores estabelecem uma relação em um determinado recorte. Neste cenário, o fundo ambientaliza a realidade criada por esta relação. Contudo, estas questões serão explanadas ao longo deste trabalho.

É perceptível que símbolos enquanto meros personagens ou não, permeiam os trabalhos e as referências desde antes de se pensar este trabalho, sendo assim após o ponto de partida, algumas questões foram levantadas: Qual a relação que tenho com estes elementos? o porquê de aparecerem com certa frequência em meu trabalho? Seguindo isso, lancei um olhar para minha produção e pude reforçar que a proximidade com a árvore e a serpente estava muito mais evidente ao meu processo, poética e referências, do que eu imaginava.



Figura 14: : Cartaz de concerto de Neurosis e Tessa Harlem/2016.



Figura 15: Dylan Garret Smith "Life and Death of the Optimist" (2017)

Sempre gostei do formato tortuoso que a árvore tem ao longo de seu tronco e seus galhos, as texturas e possibilidades visuais que proporciona. Embora trago dois elementos centrais carregados de simbologias, a árvore foi o primeiro objeto que me despertou para estas representações. Desenhar a árvore me permitiu trabalhar e praticar as técnicas, explorar as formas sem que fizesse um trabalho sistematizado de catalogação de espécies, podendo representar árvores genéricas, sempre secas e sem vida, sendo este vazio da vida, relaciona-se com a construção do cenário, e junta-se ao

terceiro elemento, o fundo, que construído sem a presença de elementos, apenas escuro ou completamente vazio de preenchimento.



Figura 16: : Exemplo de árvore do cerrado.

Fonte: <http://www.caliandradocerrado.com.br/2008/09/de-troncos-tortuosos.html>

A serpente, apareceu com menor recorrência em trabalhos anteriores, porém não se faz menos significativa. Ainda que em menor recorrência, a curiosidade com o animal sempre esteve presente e, pude perceber que em seu corpo, diferentes texturas e formas também são possíveis de serem percebidas. As serpentes tem uma relação íntima com as árvores por estas serem o local de repouso e habitat destes animais. As formas das serpentes também se fazem retorcidas e tortuosas porém, diferente das árvores se vê uma maior intencionalidade nos movimentos e também uma maior definição das suas curvaturas.



Figura 17: Jibóia.

Fonte: <https://daydiaadia.wordpress.com/tag/cobra>

2. OS DESENHOS E AS REFERÊNCIAS DA SERPENTE E DA ÁRVORE

Para compreender o processo criativo foi necessário pensar a realização deste trabalho como um algo construído ao longo do meu aprendizado no desenho e retomar trabalhos desenvolvidos anteriormente, que estabelecem diálogos com os desenhos realizados nesta monografia. Esta não foi uma tarefa simples, além da falta de embasamento teórico para a reflexão desta questão, tal tarefa demandou uma análise que me permitiu encontrar caminhos diferentes nos elementos comuns nos desenhos. A partir daí, busquei definir parâmetros de comparação que possibilitasse me para meu trabalho. Sendo esta uma tarefa difícil, ao longo do processo, me levantou questões antes não pensadas mas que tiveram um papel fundamental na construção do desenho. É entender que o desenho é algo que quer dizer algo sobre quem o faz, o processo natural é marcado por um desejo de representar algo que já está marcado em nós a algum tempo.

Aquele que desenha é totalmente responsável pela sua criação. Resultante de inúmeras escolhas, o fenômeno artístico provém desse impulso original para assinalar, mostrar qualquer coisa. Nasce de uma urgência em marcar presença dada a consciência de finitude. Através do desenho o ser assinala a sua presença e registra as transformações históricas no seu modo de vida. Daqui a importante conexão temporal deste acto. Este fazer é também uma tentativa de preservar alguma coisa. De tentar de algum modo manter algo vivo. (Azevedo, Ana Alexandra Loureiro Neves da Costa, 2009, p . 30)

A partir desta colocação, é possível constatar que o desenho expressou escolhas realizadas ao longo do aprendizado, com o objetivo de mostrar as questões acerca das imagens e o reforço da minha identidade. Os desenhos foram trabalhados e nele estão traduzidos todas as descobertas e questões pessoais e artísticas, marcando e preservando o processo criativo e questões formais do desenho.

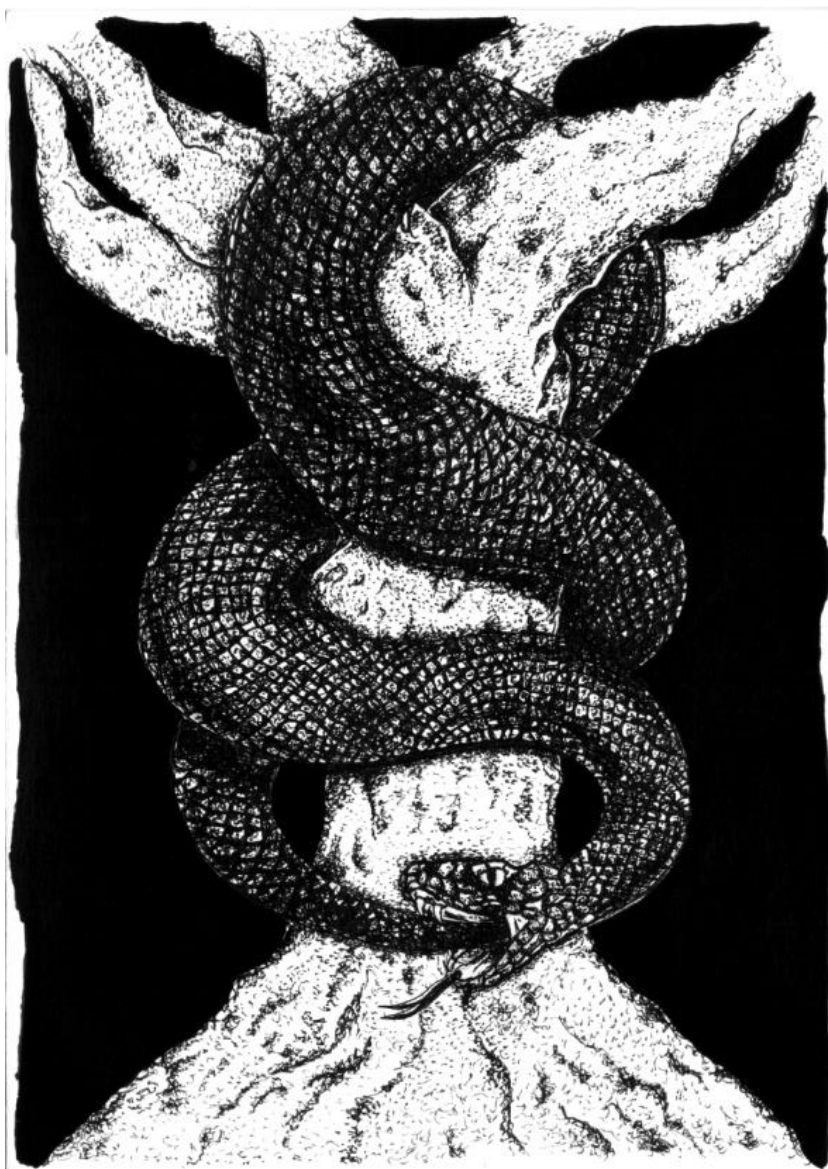


Figura 18: Desenho A5 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Nanquim e Posca sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.

O desenho acima faz parte da primeira série produzida, que consistiu na confecção de quinze desenhos em formato A5, os quais colocaria as primeiras experimentações a partir do que tinha como repertório de referências imagéticas, textuais e musicais. Na imagem tem-se um tronco sólido ao centro, ramificado em seis galhos menores ao topo, com uma base larga que indica que o solo está logo abaixo. A serpente que está em posição imponente e não demonstra simpatia, enrola por entre os galhos no lado direito e ao dar duas voltas em sentidos opostos termina por engolir a própria calda. Neste desenho, temos a referência mais clara e principal a serpente de Ouroboros, que consiste num conceito representado pela serpente que em movimentos circulares engole a própria calda.

Segundo Durand (1997) a serpente é vista como um dos símbolos mais importantes da imaginação humana; é triplo símbolo da transformação temporal, da fecundidade e da perenidade ancestral; é animal que muda de pele permanecendo ele mesmo, e liga - se por isso aos diferentes símbolos teriomórficos do bestiário lunar, mas é para a consciência mítica o grande símbolo do ciclo temporal, o Ouroboros. A serpente é símbolo da fecundidade; é animal feminino, dado que é lunar, e também masculino, porque a sua forma oblonga e o seu caminhar sugerem a virilidade do pênis. Dessa interpretação sexual do símbolo ofídico, passa - se ao tema da fertilidade; Ouroboros, princípio hermafrodita da fecundidade. Ouroboros é a serpente que, simultaneamente, gera, pare e devora.(DURAND, Gilbert, 1997, APUD, GERMANO, Julyanna, 2012)

Tendo isso acima como base, a serpente se coloca como o símbolo de fertilidade e repetição, o sentido temporal é evidenciado e atribui a serpente a significação da de repetição, o que dá a continuidade da vida, ou seja, o início, o meio e o fim, que se transforma novamente em início, mantendo a continuação em um ciclo infinito.

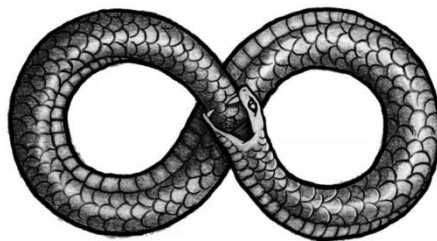


Figura 19: Ouroboros .

Fonte: <http://mythologian.net/ouroboros-symbol-of-infinity/>

A árvore aqui, pode ser colocada conferindo um símbolo de ligação entre dois planos. Não é definido um fim nem um começo; imagina-se que o solo está próximo, porém não existem evidências que comprovem esta colocação. Tal qual o plano superior. Nesta atribuição, pode-se retomar Chevalier, 1998 em O dicionário dos Símbolos, anteriormente já citados, no qual a representação da árvore no desenho, liga os três níveis do cosmo: o subterrâneo com suas raízes, a terra, com seu tronco sólido, que permite que répteis, no caso a serpente se arraste ao longo de sua forma e por fim seus galhos superiores que nas alturas, conecta-se com os céus, ar e luz. Na devida ordem, trago a *Yggdrasil*⁵, a árvore nórdica que estabelece esta conexão com os planos.

⁵ Fonte: <http://treeaware.blogspot.com.br/2013/08/ash-trees-chalara-ash-dieback.html>



Figura 20: *The Ash Yggdrasil*[1886] - Friedrich Wilhelm Heine.
Fonte: <http://treeaware.blogspot.com.br/2013/08/ash-trees-chalara-ash-dieback.html>

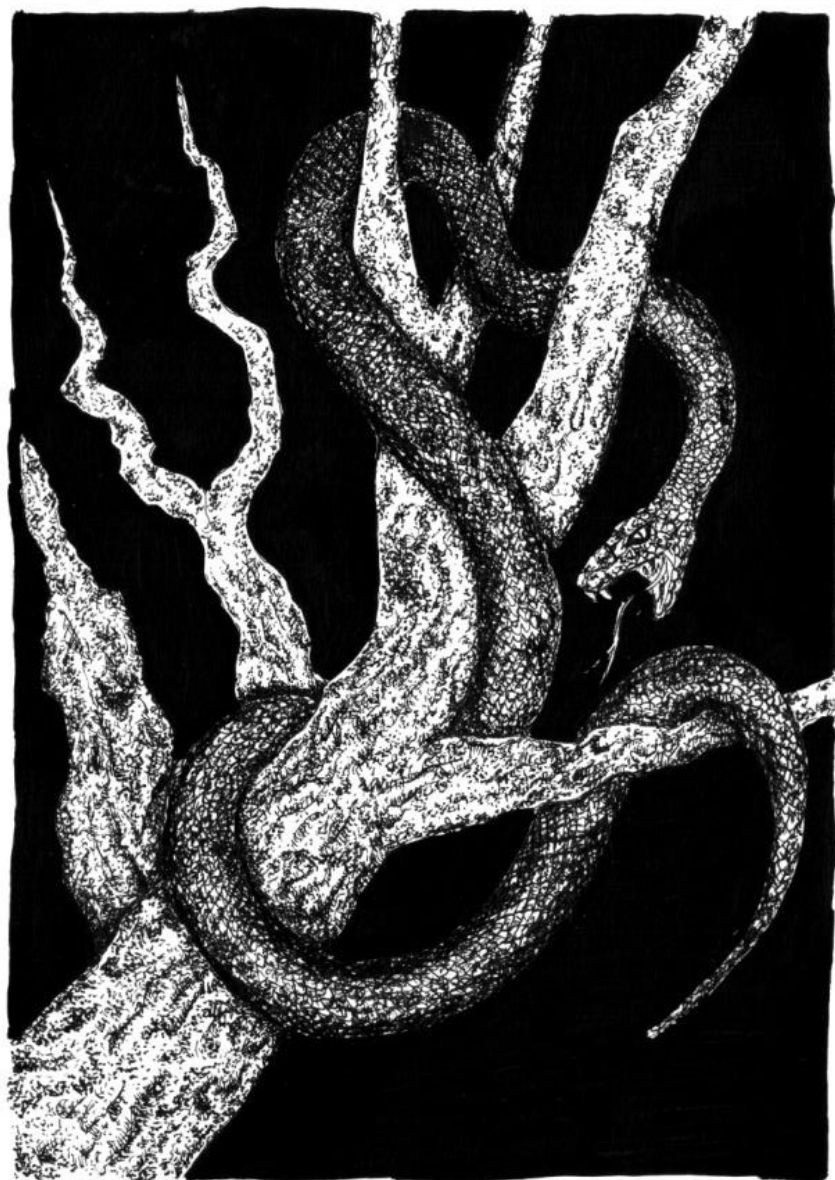


Figura 21: Desenho A5 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Posca sobre papel
Fonte: Acervo do autor.

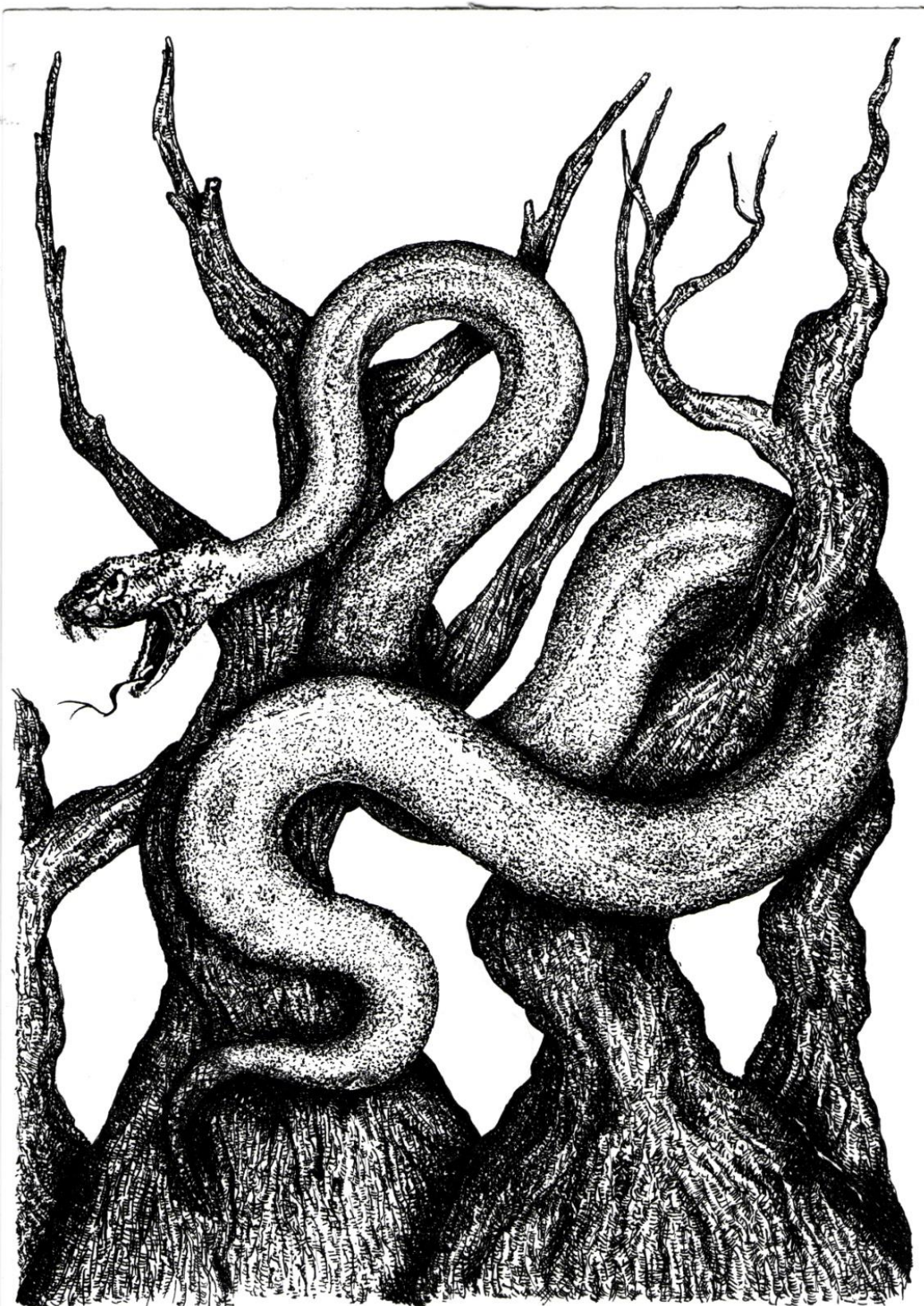


Figura 22: Desenho A4 Serpente e Árvore.
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Nanquim sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.

Aqui temos mais dois desenhos, o primeiro da série feita em formato A5, e logo em seguida, um outro em formato A4. A serpente faz-se representada com destaque em ambos e, em sua totalidade. Com seu corpo entrelaçado pelos galhos da árvore, apoiando-se no tronco e com sua cabeça inclinada para a esquerda. As serpentes se arrastam pelas árvores e se mantêm imponente, ameaçadora, sem demonstrar alguma tranquilidade ou medo. Seus olhares, são semelhantes e não miram no observador, mas é como se houvesse logo abaixo, alguma coisa que prendesse sua atenção e a deixasse furiosa. A árvore no primeiro desenho, é colocada seguindo um a posição diagonal da esquerda para a direita, tendo em seu tronco a solidez que sustenta a serpente, e em seus galhos apontados para cima com rigidez. Sua textura sugere que está seca, o que pode indicar que a ação do tempo se fez presente, e sugere também estar sem vida. No segundo desenho, já ocorre a representação de uma segunda, terceira e quarta árvore, o que sugere estar em uma floresta; esta por sua vez, também se encontra seca e sem vida, no entanto em ambos os casos, a árvore é sólida e rígida, como indicado em suas texturas e formas.

É possível neste momento, fazer um paralelo com a serpente que aparece nas escrituras bíblicas do primeiro testamento, onde a sua presença nos Jardins do Éden, se faz repousada sobre uma árvore.



Figura 23: *Bibel in Bildern 008*[1860] - Schnorr von Carolsfeld.

Fonte: http://www.apostolische-geschichte.de/wiki/index.php?title=Datei:Schnorr_von_Carolsfeld_Bibel_in_Bildern_1860_008.png

A gravura acima do artista Alemão, Julius Schnorr von Carosfeld, feita em madeira, faz parte da série *Die Bible in Bilder*, ou em sua tradução livre do alemão, "A Bíblia em Imagens", que se trata de uma série de gravuras retratando os momentos principais da Bíblia. O artista mesmo retrata o momento em que a serpente, se direciona a Adão e Eva e os persuade a alimentar-se do fruto proibido. Nesta imagem, a serpente também se inclina para a esquerda, alocada numa posição a olhar de cima para baixo, com sua boca aberta, indicando um ar de imposição, mas também sem obrigar os seres humanos a comerem o fruto. A serpente astuta, coloca-se como a influenciadora neste momento, quando Eva nas escrituras afirma não poder comer do fruto proibido, a serpente então se dirige a mulher dotada de medo:

Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal. (GÊNESIS 3:4,5)

A partir do fragmento bíblico acima, é admissível que a serpente assuma o papel contraventor, na qual ela elucida as idéias de Eva a respeito do fruto e, sabe que ao confrontar o poder de Deus, Eva não morrerá, mas se tornará como Deus, ou seja, detentora da sabedoria do bem e do mal, dona de sua própria existência.

A árvore na gravura, é não apenas o local de repouso da serpente mas também, a árvore que provê o fruto, ou seja, a árvore da ciência do Bem e do Mal que em sua significação se faz positiva e rica de valores. Entretanto, em meu desenho, a árvore se faz seca e rígida, em contraste com a árvore bíblica, que onde nela existe a vida, na minha representação, existe a morte.

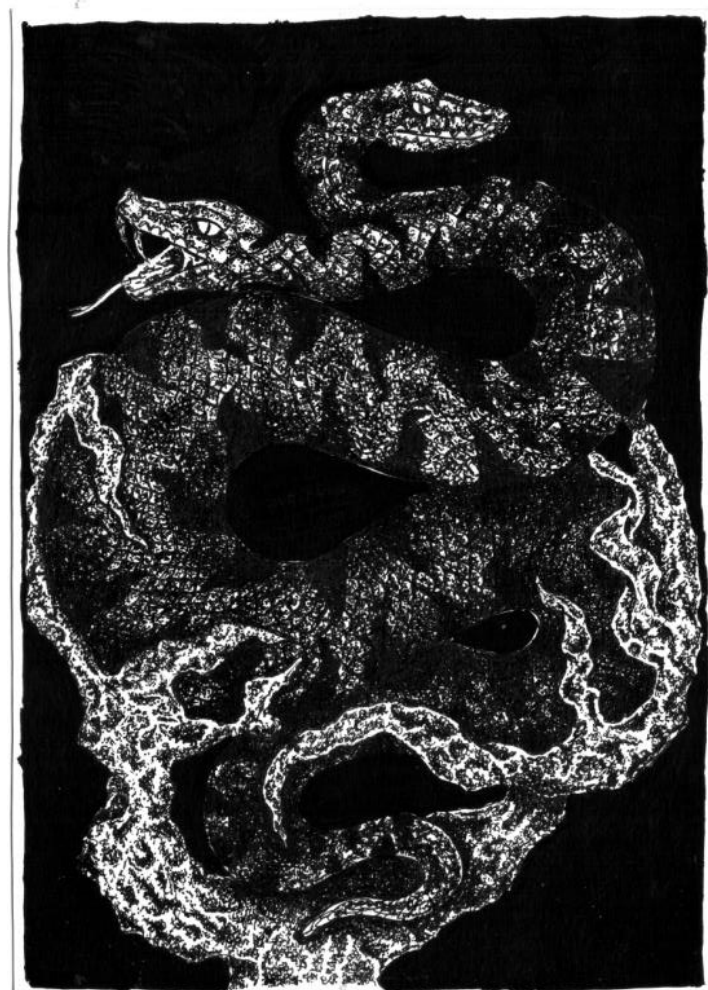


Figura 24: Desenho A5 Serpente e Árvore.
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, nanquim e Posca sobre papel.
Fonte: Acervo do autor

Nesta terceira ilustração, a serpente se faz imponente ao centro, sustentada pelos galhos da árvore, que se configura como uma mão a segurá-la. A serpente é escura, e se mantém em movimentos circulares com suas escamas marcantes e com marcas em sua superfície. Esta por sua vez, é dotada de mais uma cabeça, o que a torna única perante às outras, representadas nos demais desenhos. Aqui, ela se sustenta em cinco voltas, e se apóia ao longo dos galhos que estão colocados praticamente a fim de garantir sua sustentação. Está sugerido que a cabeça que se encontra virada para a direita, se porta de maneira apreensiva, a observar o ambiente porém, atenta e precavida. Esta cabeça de boca fechada não se impõe, toda via, ela não perde sua presença e, parece proteger o resto de seu corpo em posição de defesa. Simultâneo ao movimento da cabeça virada para a direita, a cabeça orientada para a esquerda estabelece um contraste, quando ela se faz imponente e perigosa. É quase possível ouvir o som de seu ataque, a partir da imaginação que se tem ao observá-la. Esta cabeça que está em primeiro plano,

demonstra perigo e hostilidade e se insere na imagem como a parte ofensiva da serpente. A árvore, no que lhe concerne se coloca como um apoio, dando sua sustentação com um tronco que insinua ser encorpado e bastante rugoso. Em menor destaque, contudo, não menos importante, sugere-se que ela esteja seca e sem vida, ainda que, apresente características que a difere das demais. Suas texturas se assemelham a uma superfície rochosa, o que pode ser interpretado, que esta madeira sofrera com a ação do tempo recentemente.

Para este desenho, a principal referência se deu a partir de uma notícia de jornal veiculado no G1, o portal online da Rede Globo de notícias. Esta notícia discorre a respeito de um fenômeno raro em uma cobra na no zoológico da cidade de Cascavel, Paraná. A cobra neste zoológico nasceu com um defeito congênito em uma ninhada de dezessete animais.



Figura 25: Serpente de duas cabeças encontrada no Paraná.
Fonte: <http://g1.globo.com>

Nesta foto é possível visualizar as duas cabeças, texturas e padrões que compõe o corpo da cobra. Em pesquisa na internet, é possível ter acesso a mais casos deste tipo no Brasil e em outro países. Ainda que esta referência se trate de algo real, consegui trazer mais uma referência mitológica para o desenho. Esta referência se trata da Serpente-de-duas-cabeças asteca, composta majoritariamente de turquesa, que se trata de um ornamento carregado nas cerimônias religiosas.



Figura 26: Serpente asteca de duas cabeças.

Fonte: <http://www.ensinarhistoriajoelza.com.br/mosaicos-astecas-turquesa/>

Esta imagem consiste em uma serpente construída com cinco curvas, partindo de uma cabeça e chegando em outra. É sugerida em sua significação o renascimento, devido a capacidade das cobras de trocarem o couro. Além disso, um de seus deuses, o Quetzalcoatl, se trata de uma serpente emplumada, sendo esta uma importante imagem para os antigos astecas.

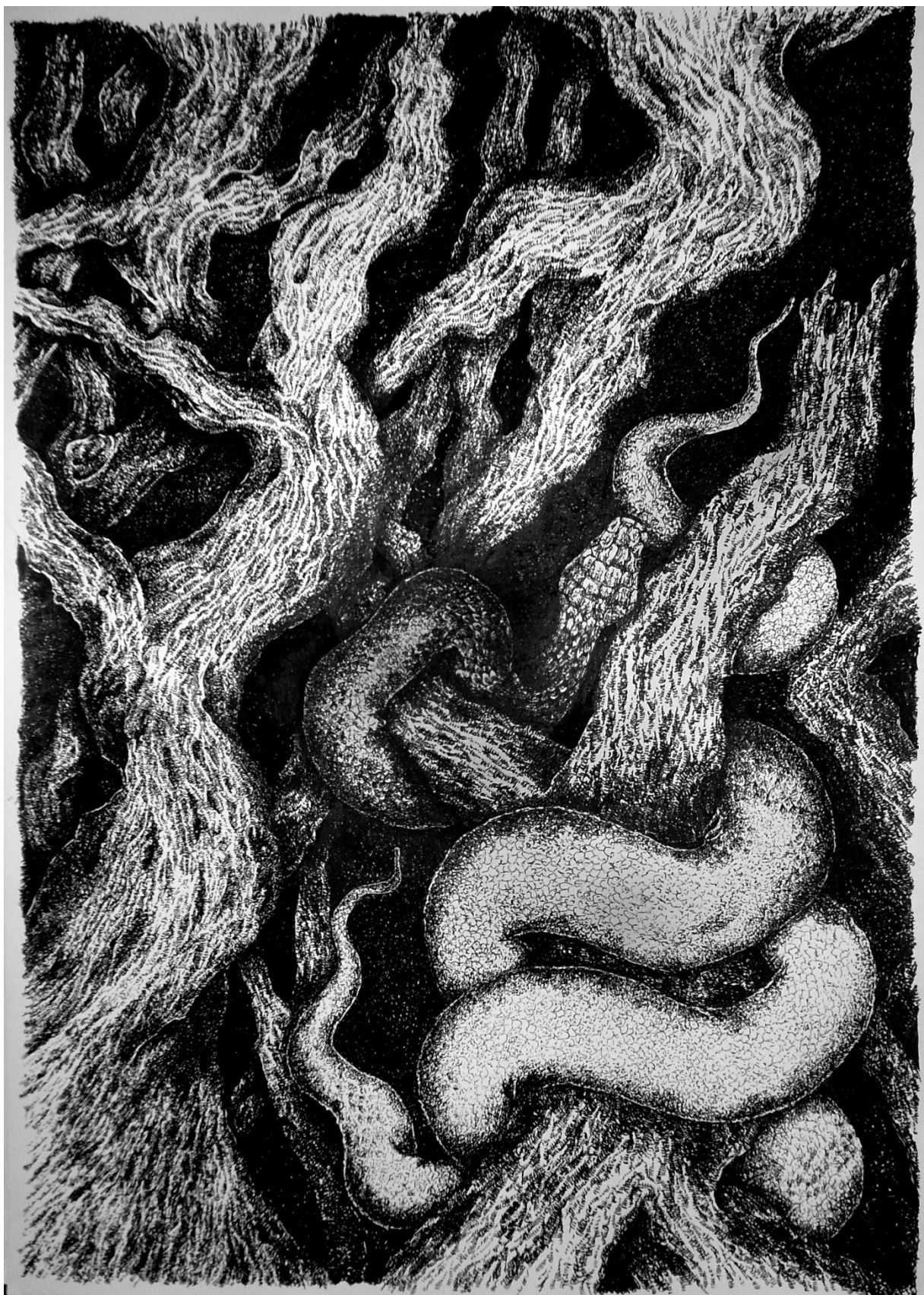


Figura 27: Desenho A2 Serpente e Árvore.
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Nanquim sobre papel.
Fonte: Acervo do autor

Este desenho se trata de um desenho realizado em tamanho A2, este por sua vez, o ultimo feito no trabalho. Nele existe diversas representações das árvores sobrepostas, sinuosas e carregadas com textura. Sobrepostas, elas neste momentos assumem um papel mais importante do que a serpente. O rigor da forma entra em contraste com a aleatoriedade dos movimentos, criando uma organicidade entre si, preenchendo quase todo o espaço do desenho e, indicando uma possível floresta, que neste momento encontra-se sem vida novamente, tal qual todos os desenhos. Seguindo uma orientação diagonal, os troncos e galhos partem do plano inferior na esquerda, e atingem então o plano superior da direita, tendo em um dos troncos centrais um interropimento, como se estivesse quebrado. Em um segundo plano estão os demais galhos, com menos destaque se apresentam ao fundo, entrando e saindo no plano pelos cantos, levemente escondidos pela luz, porém, ainda possível de serem visualizados. As serpentes aqui, já apresentam uma representação menos destacada, no entanto, por se tratar de um elemento que não segue um padrão visual no resto da imagem, naturalmente direcionam o espectador para o canto inferior direito do desenho, onde elas são representadas. As serpentes se arrastam pelo tronco sólido, indicando um repouso, menos hostil que nos outros desenhos analisados, ainda atenta, porém, em descanso. Uma segunda serpente se coloca em um plano secundário, como se estivesse atrás do tronco, rastejando-se para baixo, sendo possível de visualizar apenas a ponta de sua cauda. A ambientação escura indica um cenário desolador e vazio, tendo novamente, a morte presente. Tais caracterísitcas na imagem retomam a gravura de Gustave Doré, "Transformation Into Snakes", da série "Paradise Lost", no qual o artista representa uma cena do Canto XXV, da Divina Comédia de Dante Allighieri:



Figura 28: Agnello Transforming Into A Serpent, Inferno Canto 25[1832].
Entalho em madeira. Gustave Doré. New York: Cassell Publishing Company, 1890
Fonte: <https://www.wikiart.org/en/gustave-dore/transformation-into-snakes>

*[...]Com os pés do meio o ventre lhe cingira,
Com os da frente os braços lhe peava,
E ambas as faces lhe mordeu com ira.*

*Os outros dous às coxas lhe alongava,
E entre elas insinua a cauda que ia
Tocar-lhes os rins e dura os apertava.*

*A hera não se enrosca nem se enfia
Pela árvore, como a horrível fera
Ao pecador os membros envolvia.[...]*⁶

⁶ Fonte: http://www.stelle.com.br/pt/inferno/notas_24.html#abesta

Este fragmente é parte da narração do momento em que na Sétima Vala do Malebolge, encontram-se os ladrões introduzidos no Canto XXIV, que como retribuição de uma vida de ladroagem, tem seus traços humanos roubados a todo momento por serpentes. Neste momento, esta foi uma referência estética interessante para a construção deste ultima imagem. Não me aprofundei em sua significação, tampouco pretendi representar algum momento da obra de Dante, todavia, tomo como ponto de partida as formas sinuosas das serpentes presentes e dos corpos humanos presentes na gravura.

3. PROCESSO CRIATIVO E REFERÊNCIAS VISUAIS

Entendí primeiro, que árvore e a serpente são elementos carregados de simbologia, comum em diversas peças gráficas a presença dos mesmos, inclusive estabelecendo uma relação com o som e a temática de certos conjuntos. procurei pelos principais artistas que estavam relacionados as minhas preferências, e para a representação das serpentes e árvores, recorri a livros e fotos de espécies, nos quais me baseei principalmente em árvores do cerrado e espécies de serpentes Píton e Urutu Cruzeiro. Mesmo se tratando de representar serpentes e árvores a partir da observação de fotografias, outros desenhos científicos e ter alguma ligação com a biologia, não posso categorizar o trabalho corrente como ilustrações científicas porque além de fazer uma representação carregada de simbologia, temos que:

a ilustração científica deve seguir alguns preceitos da ciência e por ela tem a sua precisão aferida. Ela pode ser feita por artistas ou pelo próprio cientista, seja porque este carece de desenhista para documentar seus achados em termos plásticos ou porque prefere ele mesmo fazê-lo. Obviamente, dependendo de quem elaborou as ilustrações de um trabalho científico e da capacidade do uso dos artifícios pictóricos, mais ou menos liberdades artísticas serão identificadas. Ou, visto do prisma do cientista, mais verossimilhança haverá, ou será cobrada, entre a imagem obtida e o objeto representado. (OLIVEIRA; CONDURU, 2004)

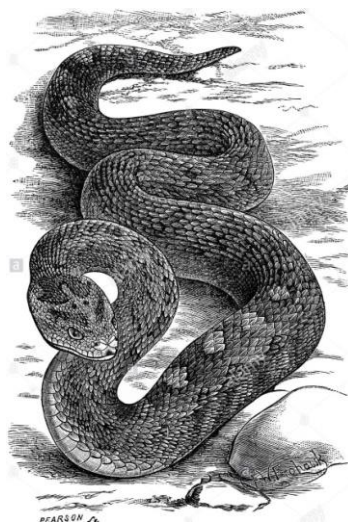


Figura 29: *Encyclopaedia Britannica* - 9ª Edição - 1875
Fonte: *Encyclopaedia Britannica*

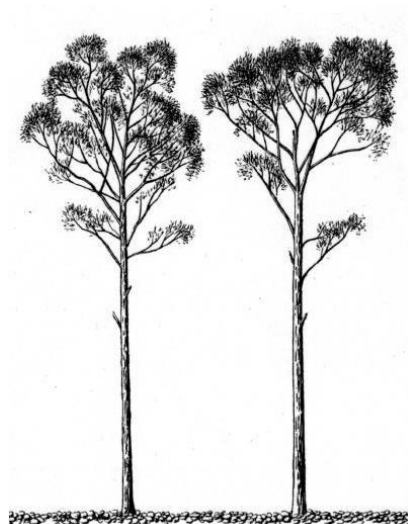


Figura 30: *Adult chosenia habit—trees growing in the grove*
Kolesnikov - 1937
Fonte: <http://www.salicicola.com>

Entendo que, embora não científico, o trabalho é de fato uma ilustração, que abarca e sustenta as idéias e referências coletadas ao longo da pesquisa:

Incluem-se nos conceitos de iconografia ou ilustração as imagens obtidas tanto através de métodos manuais de representação como desenho, pintura e gravura, quanto de reprodução técnica, como a fotografia. Em um sentido mais amplo, mosaicos, vitrais ou pinturas de passagens bíblicas em uma igreja, por exemplo, podem ser também entendidos como ilustrações.(OLIVEIRA; CONDURU, 2004).

Tendo em vista estes pontos, pude organizar minhas referências que partiram das ilustrações de artistas que me interessavam, para as ilustrações que tinham também a serpente e a árvore como principais elementos.

É fato que a forte ligação com a música foi o principal ponto de partida de toda a minha produção desde a época das reproduções das capas realizadas nos cadernos escolares. Esta aproximação foi um processo natural construído a partir de todas as referências musicais que tinha como preferidas e de repente percebi que estava completamente relacionada com características da minha vida, sendo isto parte de quem eu sou. Por se tratar de um trabalho onde puxo as principais referências da música, percebo que meus desenhos se assemelham com as expressões estéticas presentes nestas bandas e que meu trabalho divide o mesmo espaço imaginário, ou o *ethos*, presente nas capas, sendo este espaço imaginário um local que percebo quem em todas as capas e desenhos destes artistas existe ali algo em comum. Para me basear melhor e colocar em palavras, recorri-me a tese de doutorado de Lucas Khalil, intitulada "*Ethos*, Cenografia e Voz

"Demoníacos": O Funcionamento Discursivo do *Death Metal*", onde o autor retoma definições de ethos trabalhadas por Dominique Mangueneau e estabelece uma relação do elemento voz no *death metal*, com a construção e comportamento peculiar deste subgênero do heavy metal que é também um meio onde busquei minhas principais referências e é possível ver a recorrência do mesmo não só entre os subgêneros musicais citados mas em todo o universo em que busco minhas referências:

O *ethos*, portanto, não se refere ao rastro de uma oralidade primeira; ele transita por diversas instâncias da circulação do discurso: editores de fanzines, fãs, artistas gráficos e resenhistas são enunciadores que lançam mão, por meio de variadas produções semióticas, do sistema de restrições semânticas que valida suas inscrições em um posicionamento discursivo.(KHALIL, Lucas, 2017. P.152)

Embora o trabalho do autor se descorra no âmbito lingüístico, posso trazer para o campo do desenho quando é possível através das análises do ethos no death metal, perceber o comportamento das imagens nas capas que trago como referência.

Parti então das ilustrações de discos e cartazes de diversas bandas de Hardcore Punk e Heavy Metal, que ao longo da minha vida tiveram influência significativa na minha maneira de expressar. Percorri diversas capas de conjuntos que mais me agradam a fim de fazer um levantamento iconográfico e escolher alguns artistas que utilizei de referência. Nesta etapa, ainda não tinha com profundidade as referências da história da, nem demais referências não visuais. Ao início do trabalho, decidi por iniciar uma série de desenhos onde pudesse explorar o desenho em nanquim, pontilhismo, linhas e texturas de maneira a enriquecer e alavancar a minha produção, forçando-me a produzir e descobrir técnicas e materiais que eu alcançaria o resultado esperado. A princípio, a força motriz do trabalho se deu pela simples vontade de representar os objetos, uma vez que em uma busca no imaginário criativo e em demais trabalhos estes elementos se faziam presentes. Após estas análises nestes trabalhos realizados, pude ir entendendo que a proximidade com a árvore e a serpente estava muito mais evidente ao meu processo, poética e referências, do que eu imaginava.

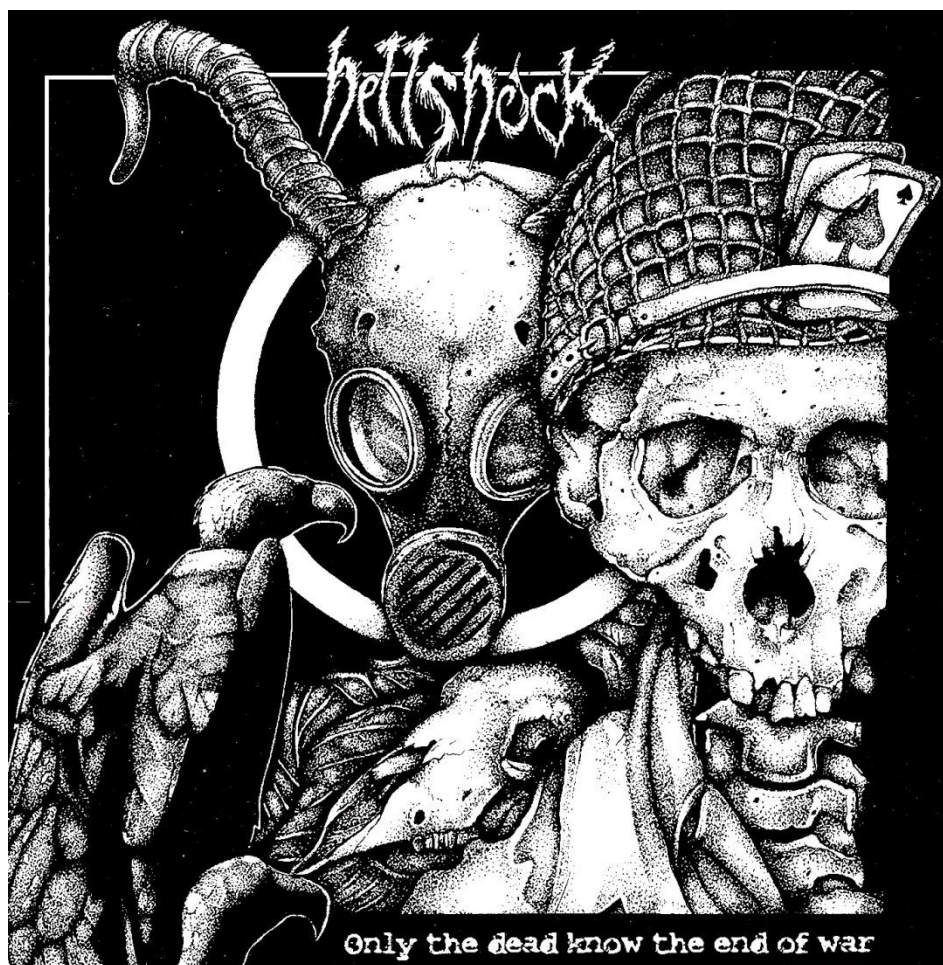


Figura 31: Capa do álbum Only the dead know the end of war[2003], da banda Hellshock.

Acima um exemplo do pontilhismo na capa. É possível perceber que nesta capa da banda norte-americana Hellshock o pontilhismo é utilizado para valorizar as sombras dos elementos, e reforça o obscurantismo da ideia, a começar pelo título do disco que claramente é uma frase sombria que expressa as desgraças e consequências do mundo atual. Temos que embora abuse da temática e estética sombria ainda sim é um desenho limpo e bem definido, o que torna fácil a sua leitura e compreensão.



Figura 32: Capa do álbum Only the dead know the end of war[2009], da banda Toxic Holocaust.

Acima, temos mais um exemplo de uma capa que utiliza de uma das técnicas pesquisadas. O EP da banda norte americana Toxic Holocaust, nos coloca a hachura no desenho evidenciando as texturas, luz e sombra, com a temática sombria, fortemente explorada por mim ao longo da minha vida. Neste caso o desenho se mostra mais agressivo e mais caótico em relação ao anterior.

Aproximando um pouco mais com a minha produção, abaixo a capa de um disco split⁷ da banda paulistana O Cúmplice juntamente com a banda portuguesa Besta, onde é possível perceber uma junção das duas técnicas pesquisadas:

⁷ produção musical feita em conjunto com dois ou mais artistas. Associado ao disco de vinil, onde de um lado fica um artista e de outro, o outro artista. Formato frequentemente utilizado pelos conjuntos no meio da música independente.



Figura 33: Capa do álbum Split das bandas O Cúmplice e Besta lançado em 2015. Ilustração: Abacrombie Ink(Hugo Silva).

percebe-se que o artista em diversos momentos da ilustração faz o uso das duas técnicas de acordo com a parte do desenho em que quer evidenciar.

As imagens mostradas acima, são alguns exemplos dentre os quais que me fizeram interessar por uma produção mais focada. Digamos que foram o ponto de partida. Percebia e gostava da aproximação do meu trabalho com algumas características que já havia identificado em diversos trabalhos e capas, e até o determinado momento, o intuito era que estas características se assemelhassem cada vez mais. Existem ali nestas imagens algumas referências que utilizam das vias mitológicas em suas representações como a capa do disco conjunto entre o grupo paulistano O Cúmplice e da banda portuguesa Besta, Nesta capa, faz-se a representação do deus babilônio Yaldabaoth⁸, que embora carregue consigo esta carga da representação mitológica, de acordo com o vocalista Marcelo Fonseca, os conjuntos não atribuem aos grupos presentes no disco, a carga mitológica presente na imagem.

⁸ Fonte: <http://www.arthemisdeluz.com/65/o-que-e-yaldabaoth-polvo-energetico>.



Figura 34: Capa do álbum I[2014], da banda Aphorism.
Ilustração: Abacrombie Ink(Hugo Silva).

Esta capa da banda baiana Aphorism, por ser do mesmo ilustrador da capa d'O Cúmplice e por ter em evidência o desenho de árvores em uma floresta obscura, explorando bastante a luz e sombra. Esta é a referência principal que encontro aqui, além das árvores: a representação do obscuro, da noite, do vazio; A cena parece mostrar um cenário desolador e estático. Árvores secas e mortas, abrigam o casebre à luz da lua, não transmitem tranquilidade, mas também não é caótico; calmo porém perigoso.

3.1. A prática

Os trabalhos deram início a partir do tamanho A5 por idéia do orientador Prof. Dr. João Agreli, com 15 onde eu apenas representaria serpentes e árvores. Foram trabalhados em cima das principais referencias visuais que eu tinha levantado. A produção colocou na superfície as minhas dificuldades e anseios em relação a produção de desenho uma vez que esta produção tinha como principal objetivo alavancar minha produção pessoal. A principio a utilização da tinta estaria restrita a nanquin, no entanto, a fim de experimentação, utilizei a caneta Posca para o preenchimento do fundo, por se tratar de uma tinta forte, específica para marcação, escrita e desenho, mas um pouco diferente da

nanquim, apresentando uma materialidade um pouco diferente, porém intensa. O papel deveria ser de gramatura mais alta, porém não muito rugoso. Com isso parti de blocos de papel Canson de gramatura 224g/m², que davam um bom aspecto e resistência às produções. Um fato interessante sobre o papel, é que o seu verso tem uma superfície menos rugosa que a parte frontal, sendo assim utilizei o verso do papel, sendo esta característica, um ponto fundamental na utilização do suporte.

Os desenhos em A5 ainda foram bastante experimentais, em que testei algumas maneiras diferentes de representação, e busquei por texturas e formas. As serpentes aqui, são representadas de diferentes maneiras, sem seguir um padrão estético ao todo, porém é possível identificar semelhanças entre si.

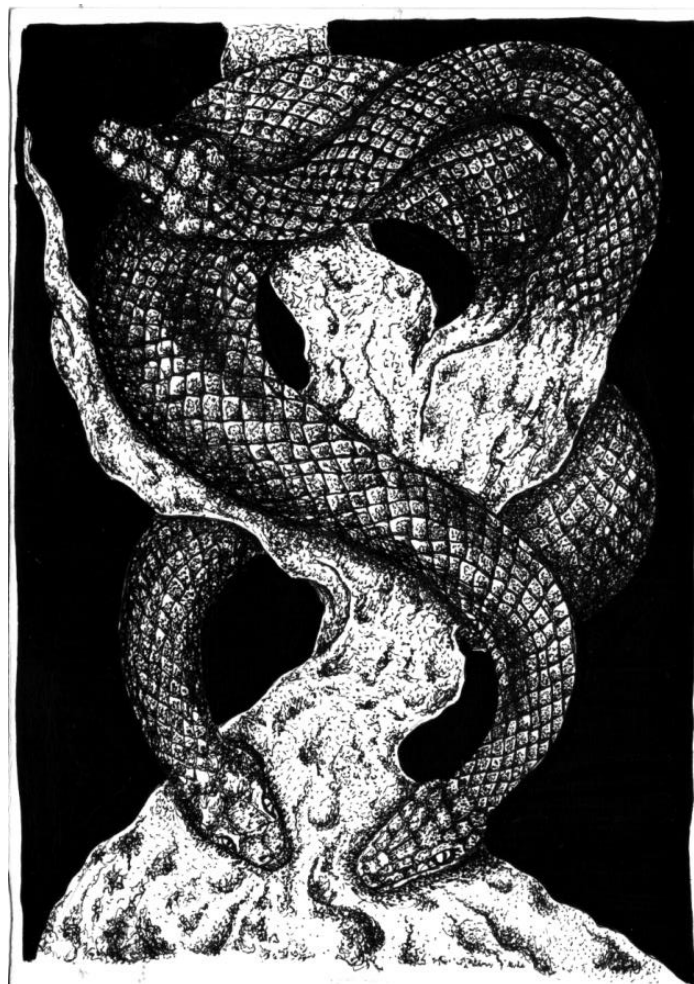


Figura 35: Desenho A5 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Nanquim e Posca sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.

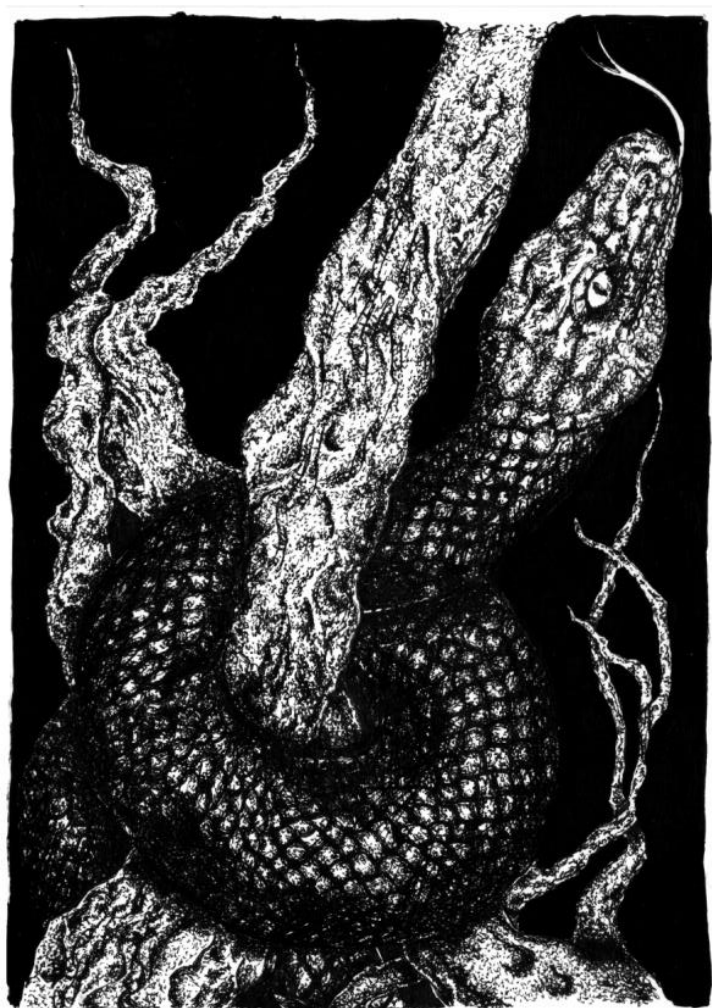


Figura 36: Desenho A5 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Nanquim e Posca sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.

Estes desenhos acima, parte da primeira série, apresentam características semelhantes principalmente na construção da árvore, sendo esta característica presente em grande parte desta série. As serpentes também se assemelham, tal qual os primeiros desenhos mostrados nesta monografia. A utilização do pontilhismo se deu treze dos quinze desenhos neste momento, toda via, ainda experimental.

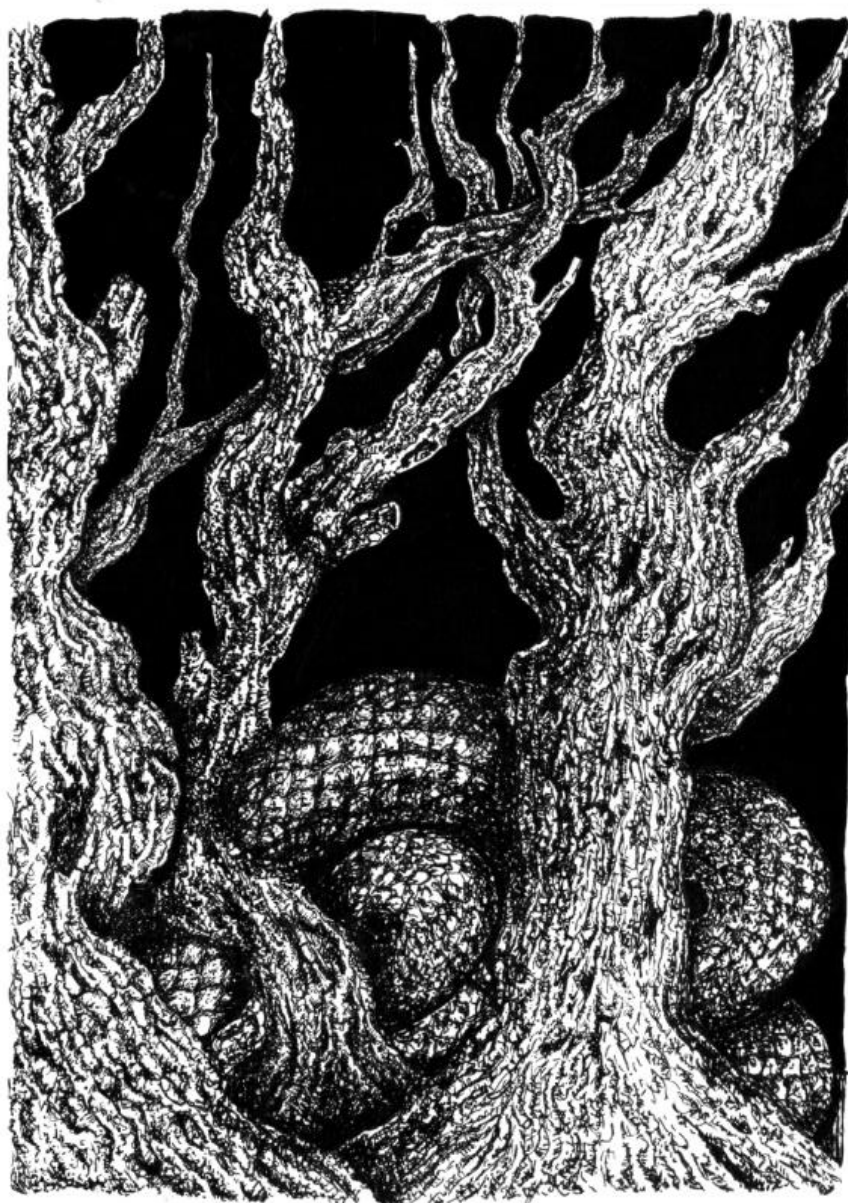


Figura 37: Desenho A5 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Nanquim e Posca sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.



Figura 38: Desenho A5 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Nanquim e Posca sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.

Estes dois desenhos acima são fundamentais para o prosseguimento do trabalho. Neles mudei quase por completo a textura da árvore. Ela aqui se faz o principal elemento estético no desenho. A escolha da mudança se deu pelo fato da utilização majoritariamente do pontilhismo não estar oferecendo um resultado próximo ao esperado, sendo assim me ocupei de pesquisar mais arvores até finalmente definir esta textura do tronco como a principal e a que utilizaria com algumas variações, até o final do trabalho. A serpente aqui se mantém semelhante as demais representadas, contudo optei por não mostrar sua cabeça, a deixando com um aspecto misterioso.

Em um segundo momento, o tempo já era um fator antagônico neste trabalho, então procurei maneiras de agilizar o processo e experimentar alguma possibilidade, mas sem sair do que foi proposto.



Figura 39: Desenho A5 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Posca sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.

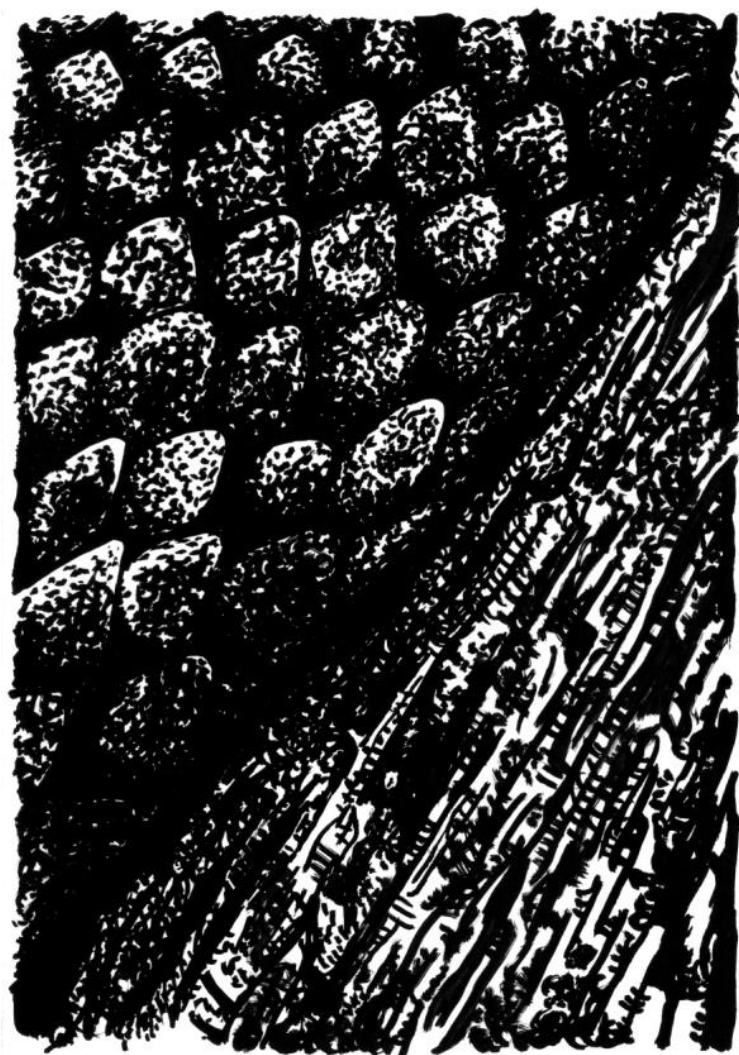


Figura 40: Desenho A5 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Posca sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.

Para estes desenhos acima, os realizei sem a utilização das canetas nanquim, apenas utilizando a Posca, como uma forma de expandir os detalhes, como se estivesse dando uma ampliação em algum recorte. Considerei os resultados interessantíssimos, porém optei por não dar continuidade com esta possibilidade, devido ao fato disto se distanciar do objetivo principal, que era a utilização das canetas nanquim.

Na segunda série de desenhos, expandi o tamanho para o A4, ou seja, duas vezes o tamanho do A5, continuando principalmente com a textura definida nas árvores. Nesta etapa ainda que definidas algumas diretrizes, pude experimentar mais uma vez os elementos das tintas, entretanto, abandonei a caneta Posca por completo, a partir da segunda metade dos desenhos realizados em formato A4.

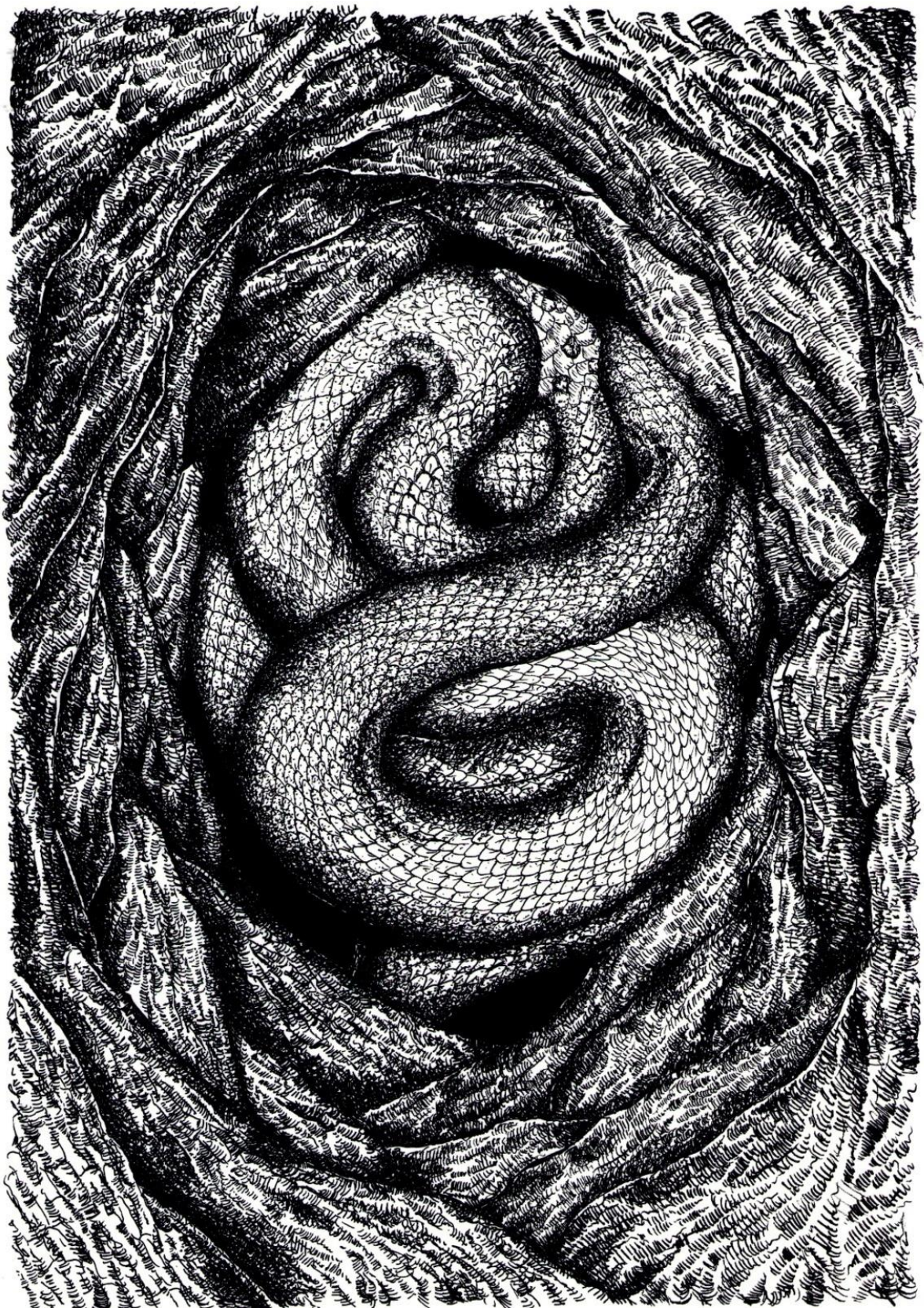


Figura 41: Desenho A4 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Nanquim sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.

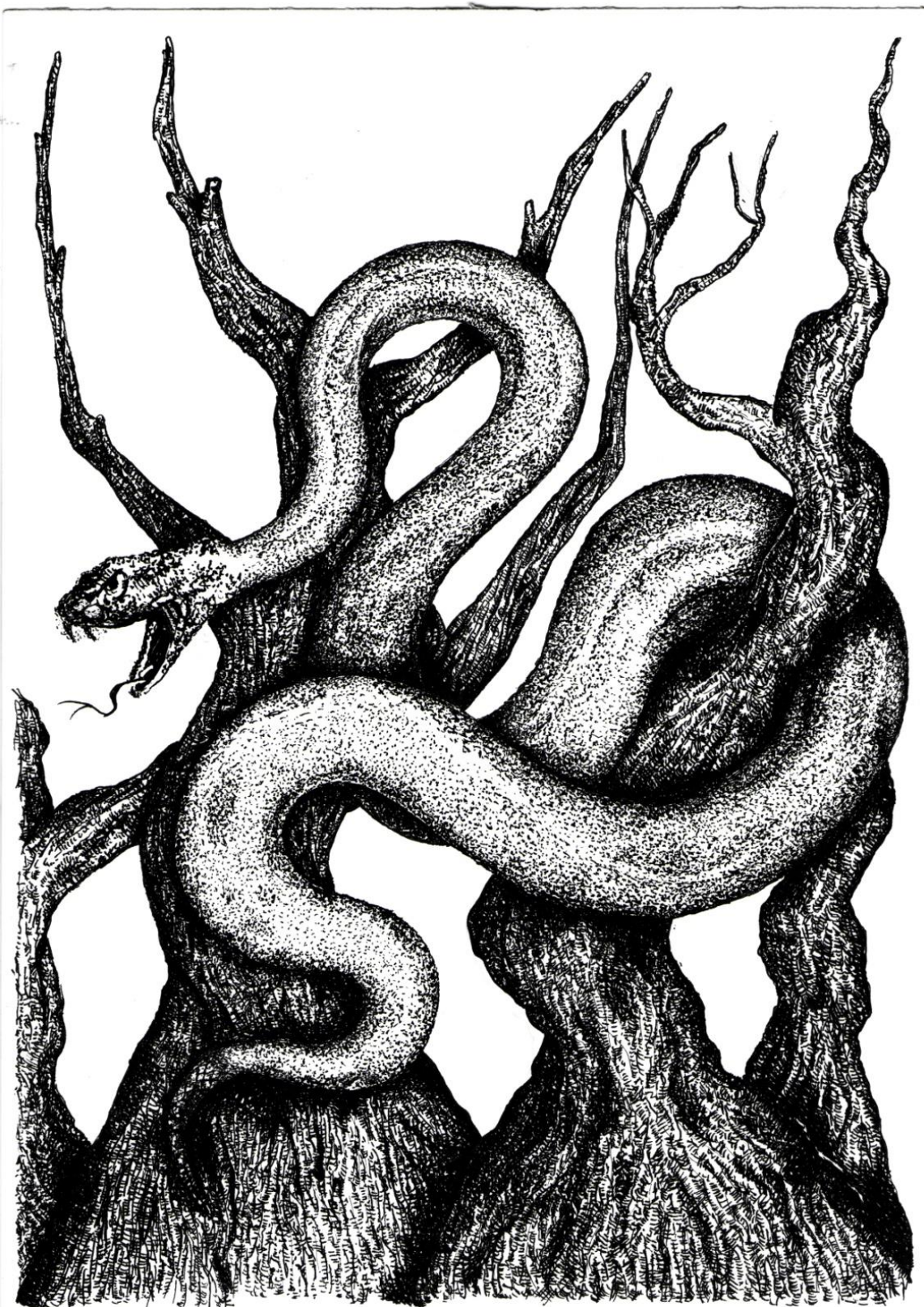


Figura 42: Desenho A4 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Nanquim sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.

Estes desenhos acima, são parte da série de oito desenhos em formato A4 e foram os que mais gostei até este determinado momento. Neles pude aproximar bastante o que imaginava com o desenho, continuar com a textura da árvore e experimentar uma possibilidade da serpente sem as escamas. As árvores bem definidas, consegui explorar com êxito as texturas que eu defini ainda nos desenhos em formato A5. Os resultados no tamanho A4 foram mais satisfatórios que os anteriores, e me ocorreu de utilizar o fundo sem nenhum preenchimento, dando uma nova possibilidade ao trabalho e, uma ressignificação do fundo, tendo neste ponto, começado a pensar o fundo como um terceiro elemento, o que será melhor desenvolvido mais para frente

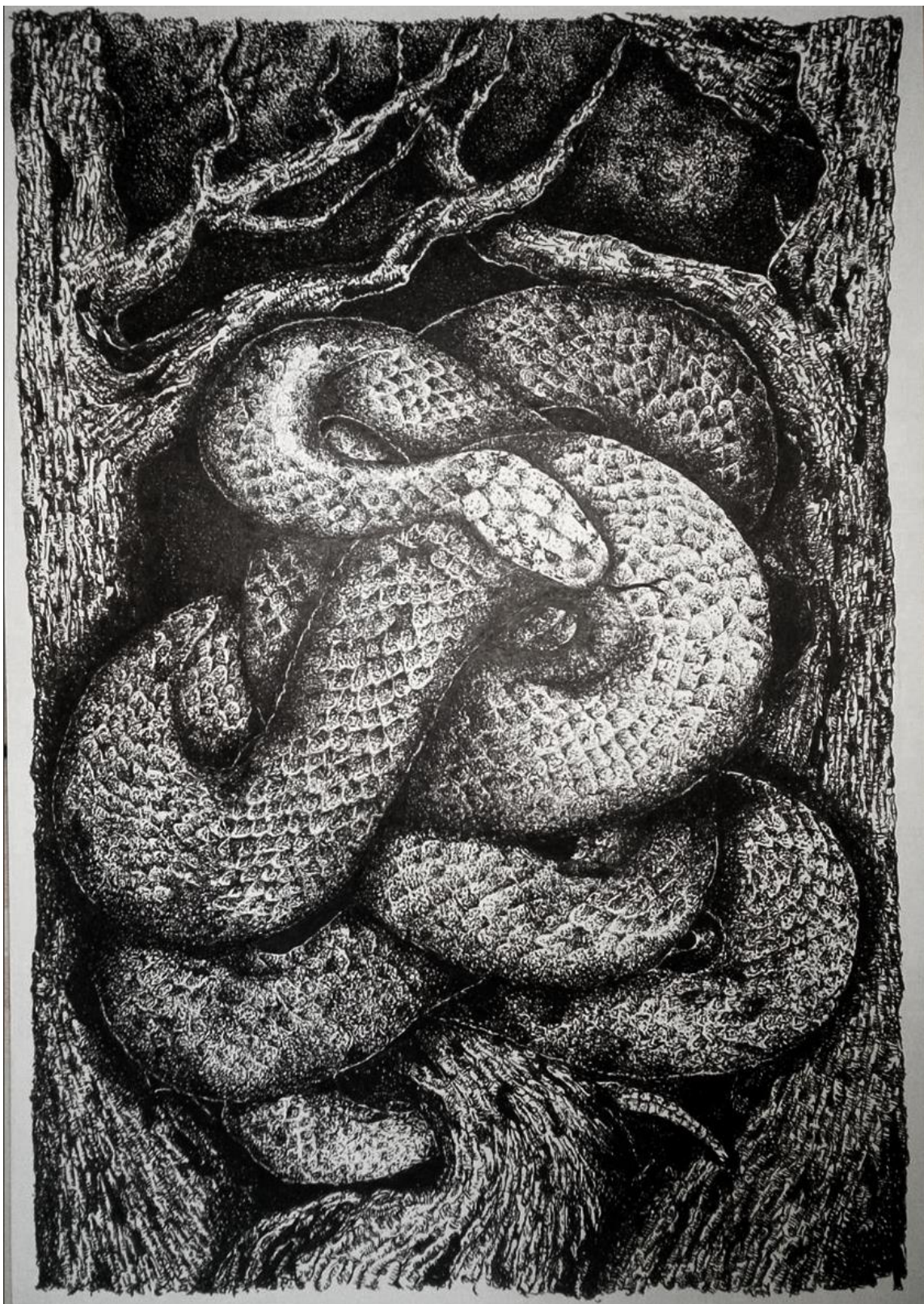


Figura 43: Desenho A3 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Posca sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.

A imagem acima é parte de três desenhos produzidos em formato A3 e neste ponto, já estava muito satisfeito com o que tinha sido produzido até então, embora a busca constante por melhorar ainda fosse latente. Claramente, as escolhas feitas nos desenhos anteriores, puderam me direcionar para melhores maneiras de representar os elementos, e neste formato, que consiste em duas vezes o tamanho A4, o desenho pôde fluir muito melhor e o tempo de produção já era muito menor do que quando comecei as imagens. Aqui, ainda que não estivesse completamente satisfeito com a serpente, ela pode ser bem representada em sua totalidade, explorado o pontilhismo e a hachura na árvore conseguiu garantir a textura exata que eu buscava. O fundo a partir deste momento já não era mais uniforme e pude explorar o pontilhismo como uma maneira de representar este vazio, deixando assim uma maior organicidade em relação aos anteriores.

Por fim foi realizado a figura 26, já mostrada aqui no capítulo anterior, que consistiu em um desenho em formato A2, ou seja, duas vezes o tamanho A3. Este sem dúvida foi um ponto muito difícil no trabalho, pois mantive a Constancia no calibre das canetas e com isso tinha um espaço muito maior no papel para percorrer em relação aos outros formatos. Salvadas as questões da produção, foi um desenho muito satisfatório de ser feito e, nele pude me regorjizar com o resultado, atingindo uma qualidade estética e de produção muito além do esperado. O tempo aqui já foi muito melhor aproveitado, resultado este também dos exercícios e escolhas com os desenhos anteriores. Aqui o papel utilizado foi de um bloco Canson de gramatura menor, o que tirou um pouco da qualidade do material, mas não apresentou ser um problema importante na execução.

porém já demonstravam algumas característica que iriam seguir até o final. No entanto a exaustão me mostrou caminhos antes não pensados e a constante prática pode me beneficiar a medida que consegui trabalhar melhor o tempo no desenho.

Após pensar os desenhos, e também ouvir considerações da pré-banca, eu, juntamente com o orientador, pensamos o fundo como um terceiro elemento nas imagens, por se tratar de algo vazio como dito anteriormente, trouxe mais uma significação aos desenhos podendo dar margem para diversas interpretações. O fundo, como pode ser visto nos trabalhos, não apresenta nenhum tipo de composição artística previamente pensada, foi simplesmente a utilização da tinta ou da ausência dela. A partir dos desenho A3, o fundo entra com uma texturização com o pontilhismo, o que consegue

dar uma profundidade a esta ambientação, tirando talvez, a ideia de um vazio completo, no entanto, o vazio ainda é fortemente presente.

Vazio sempre significa ausência de algo. Um copo está vazio de água. Uma tigela está vazia de sopa. Nós somos vazios de um “eu” separado e independente. Não podemos ser nós mesmos sozinhos. Nós podemos apenas inter-existir com tudo o mais no cosmo. A prática consiste em nutrir a descoberta íntima do vazio das coisas todo o tempo. Aonde quer que vamos, tocamos a natureza da vacuidade em tudo o que entramos em contato. Contemplamos profundamente a mesa, o céu azul, nossos amigos, as montanhas, os rios, nossa raiva e nossa alegria, e vemos que estas coisas são vazias de um eu separado. Quando contemplamos estas coisas profundamente, vemos a natureza inter-existencial e inter-penetrante de tudo o mais. Vazio não significa não-existência. Ele significa Existência Interdependente, Impermanência e Não- Eu. (HANH, 1998, p.174. APUD MIKLOS, Cádio, 2010 p.50)

Tendo em vista esta reflexão, vemos que o fundo do desenho, existe a impermanência da existência, não existe nada, porém existe tudo, o preenchimento escuro, ao passo que a utilização da cor branca, não é a ausência de cor no fundo, mas talvez a utilização dela, o preto é a ausência de luz, o branco a ausência de cor, ou a soma de todas. O preto pode ser um vazio, mas um vazio preenchido, uma ambientação tão escura e misteriosa que não se é revelada no desenho, necessita que se adentre a realidade da imagem, que se faça parte da cena para entender o que ocorre. Igualmente com a cor branca, uma cena clara, que não se revela em uma observação formal da imagem, sabe-se que não se encontra em uma ambientação misteriosa, contudo, a claridade se revela desértica, uma nova realidade já não mais obscura.

4. AS EXPOSIÇÕES

4.1. A exposição: "FRESTAS QUE POSSIBILITAM FESTAS"

No dia 26 de agosto de 2017 participei da minha primeira exposição após selecionar alguns desenhos feitos. A exposição coletiva "Frestas que Possibilitam Festas" foi montada no Parque Siquierolli em Uberlândia, Minas Gerais e realizada pelo Prof.Dr. João Lodi Agreli junto ao evento IV EREBIO, do curso de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia. Esta exposição, teve como objetivo a interseção de arte e biologia, no qual participaram diversos artistas cujo tema fazia este cruzamento.

Ao longo do meu trabalho estabeleço relações que cruzam mitologia, religião, literatura e arte. Conquanto, o título da exposição sugere a arte ocupando espaços que não são previamente pensados para ela, assim como a serpente rasteja pelas frestas dos troncos e galhos, a arte pode preencher ambientes não antes imaginados. A exposição deu fim ao evento de 2017 e anterior a sua abertura, pudemos participar de uma palestra com o artista catarinense Walmor Corrêa, que tem um extenso trabalho onde estabelece a ligação de arte, literatura e anatomia. Participei também de uma mesa redonda com os demais artistas na qual expusemos nossas expectativas e ideias sobre a exposição e o trabalho de cada um. Neste debate, pude falar de como é participar de uma exposição, e aprender com outros artistas já experientes em expor seus trabalhos.



Figura 44: Mesa redonda com os artistas participantes da exposição "Frestas que Possibilitam Festas" IV EREBIO 2017. 26 de agosto de 2017. Fonte: Acervo pessoal.

Por se tratar de minha primeira exposição, precisei pensar em sua montagem e como seria feita a interação com o expectador. Se tratando de desenhos, eu, juntamente com o professor João Agreli, decidimos que o suporte seria grampos de papel colocados junto a parafusos na parede, dispostos em fileiras de quatro desenhos. Desta maneira, estaria aproximando a obra com o espectador e, utilizando da simplicidade e criatividade como um fator agregado à exposição. A montagem do espaço, se fez em um espaço com aproximadamente dois metros de altura por um e meio de largura, com furos onde encaixaria os parafusos para a fixação dos grampos. A disposição dos desenhos então ficou: quatro desenhos de tamanho A4 por em primeira fileira, quatro desenhos em tamanho A5 em uma segunda fileira e por fim, quatro desenhos também de tamanho A5 completando a terceira e ultima fileira. Na abertura, pude ver bastante interação com o público, conversar com vários espectadores e contar a minha experiência e processo para alguns ali presentes.



Figura 45: Exposição: Frestas que Possibilitam Festas - Museu da Biodiversidade do Cerrado. Uberlândia, 26 de agosto de 2017. Fonte: Acervo pessoal.

4.2. A exposição: "RESISTINDO PELAS FRESTAS"

Infelizmente porém, após cerca de uma semana do início da exposição, vândalos adentraram o museu do parque destinado às obras, levando consigo obras de alguns artistas e, avariando outras demais. Um triste desfecho para uma exposição tão bela e bem pensada. Com isso, o professor orientador João Agreli, propôs uma nova exposição no local, como um ato de resistência às avarias e mostrando que a arte pode e deve cumprir seu papel social de resistir e se manter nos locais destinados à ela. Neste segundo momento, a ideia da exposição seria de

obras que não pudessem ser avariadas ou roubadas, com o nome de "Resistindo pelas frestas", no mesmo local e com a mesma temática, de arte e biologia. Sendo assim optei por usar a técnica do lambe-lambe⁹, que agregava à temática, por ser uma forma de contra cultura e intervenção no espaço urbano das grandes cidades e capitais, sendo um símbolo de resistência presente inclusive no movimento punk.

O lambe-lambe foi utilizado como uma mídia que impacta o aspecto visual da cidade por meio de um discurso contra-hegemônico, propondo outras opiniões, soluções e maneiras para abordar os problemas urgentes da capital, politizando o debate.(OLIVEIRA, Diogo. 2015)

de tudo, é bastante econômica, não agride muito o meio ambiente, como demais técnicas de comunicação e, por ter tido o contato com ela no meio punk, pude trazer este importante aspecto que rodeiam minhas principais referências, para a exposição. Com isso, o lambe-lambe me permitiu expandir a maneira como eu mostrara meu desenho, ainda que fosse uma impressão, consistindo em vinte e cinco fragmentos em formato A3 que após a colagem formaria o desenho completo. O desenho escolhido foi a figura 42, por se tratar de um desenho que tive bastante satisfação em ter feito e com seu resultado.

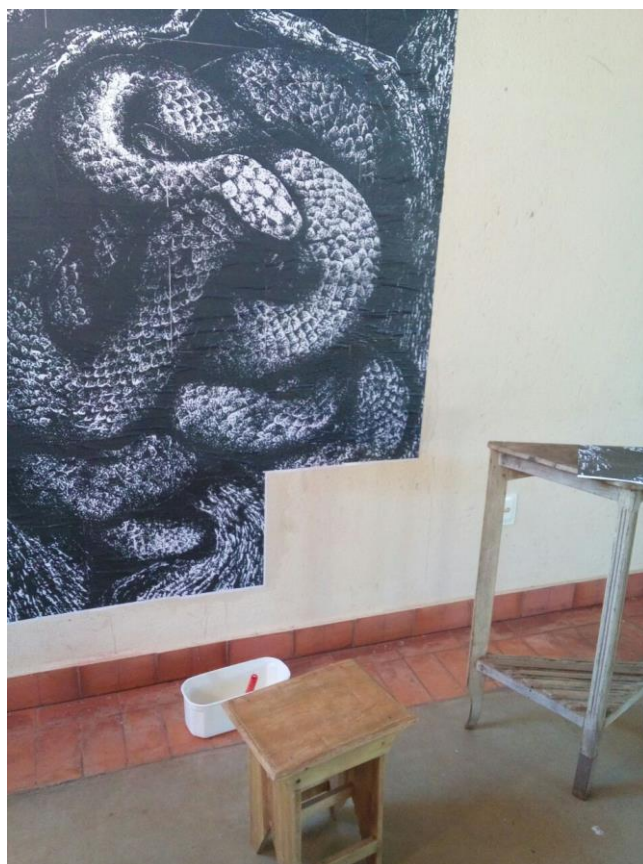


Figura 46: Montagem do lambe-lambe. Fonte:acervo pessoal.

⁹ Técnica de rua que consiste na colagem de papel a partir de uma cola caseira, comum em grandes centros.

Na montagem, utilizei uma cola feita a partir de água, farinha de trigo e vinagre, garantindo economia ao projeto e, imprimir em um papel mais barato, porém não o melhor. A montagem foi interessante, pois meu contato com esta mídia era apenas a de colar pequenos cartazes de shows em postes pela cidade, mas nada que exigisse mais rigor na construção. Assim pude perceber algumas características que me fez imaginar o trabalho de artistas que utilizam grandes formatos para disseminar sua arte pelos cantos da cidade.

No dia da abertura, pudemos ter uma excelente roda de conversa com demais artistas desta exposição além de mostrar para alunos do curso de biologia da Universidade Federal de Uberlândia, que estavam planejando realizar uma intervenção, as técnicas utilizadas na exposição como, pintura urbana, distribuição de cartão e o próprio lambe-lambe.



Figura 47: Roda de conversa com artistas e alunos. Fonte: Acervo pessoal.

Por fim, a exposição deu um retorno muito satisfatório, podendo eu perceber a força desta mídia, uma vez que gerou muito interesse por parte dos alunos e espectadores presentes.



Figura 48: J unto a obra apresentada. Fonte: Acervo pessoal.

Após a exposição, observações e aprendizados que adquiri com estas experiências, pude ter uma nova percepção à respeito do meu trabalho, entendendo a importância de expor a obra e o contato com o público.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar as reflexões desta pesquisa prática, pensei como eu poderia exercer a prática do meu desenho em um trabalho acadêmico tendo pouca noção de como realizar um TCC prático, tendo mais referências em trabalhos teóricos. Identicamente, não tinha noção de onde partir e como iria me sair realizando um tipo de produção intensa, visto que também não mantinha uma constância de produção até o momento.

O primeiro contato com o orientador meu elucidou muitas ideias que eu tinha, esclareceu algumas dúvidas e levantou outras questões acerca da produção que foi possível trabalhar ao longo deste difícil ano de 2017. A primeira questão que resolvi, foi que este trabalho se tratava de uma produção pessoal que visava a expansão e prática artística, entendendo minha relação com o desenho e ao longo da pesquisa entender a minha relação com os elementos e este universo tão marcante em minha construção. O segundo momento foi a escolha dos materiais, já tendo eu definido que seria nanquim comecei a explorar o pontilhismo e as hachuras no desenho. Numa terceira questão, conversando com o orientador, achamos interessante que o desenho progredisse de tamanho, a fim de expandir o traço e trabalhar novas possibilidades. Iniciado os trabalhos, pude entender meu processo e, perceber que minha produção está diretamente ligada com meu estado emocional, ou seja, os movimentos no papel, sofrem alterações de acordo com meu nível de ansiedade no determinado momento.

Tendo percebido estes fatores, a expansão do formato foi uma dos ocorridos mais importantes no meu trabalho, uma vez que era muito apegado aos formatos menores e, ironicamente, pude me regorjizar ao fazer produções cada vez maiores e obter melhores resultados ao passo que ia aumentando o formato. Outro. Ademais, percebi que os trabalhos que utilizavam apenas um único material sobre o suporte, mostraram resultados melhores do que os que continham a utilização dos dois materiais: nanquim e Posca. A melhor utilização do tempo também se relacionou à prática constante dos desenhos e acredito a partir desta prática intensiva, pude trabalhar melhor a utilização do tempo, sendo mais ágil com o trabalho em relação às produções realizadas anteriormente.

Passar por este trabalho, enfrentar as dificuldades, perceber as progressões e os avanços, me fez lançar um olhar completamente diferente para minha poética e meu trabalho. Hoje, entendo que minha produção está ligada desde os primórdios da minha

construção como pessoa, mostrando que ainda trago minhas referências desde a adolescência, e comprovando que este universo permanece vivo em mim até a atualidade.

Infelizmente, ainda que eu consegui melhorar a minha utilização do tempo, ele se mostrou um agente atuante contra mim o tempo todo, trabalhos extra-curriculares e demais atividades acabaram por me impediram de seguir até a etapa final que era a produção de mais um desenho A2, e por fim um desenho A1. Contudo, isto não foi uma desmotivação, pelo contrário, deixa o instigo de produzir ainda mais e aproveitar os benefícios que esta pesquisa prática trouxe à minha produção.

6. APÊNDICE - DESENHOS



Figura 49: Desenho A5 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Posca sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.



Figura 50: Desenho A5 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Posca sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.

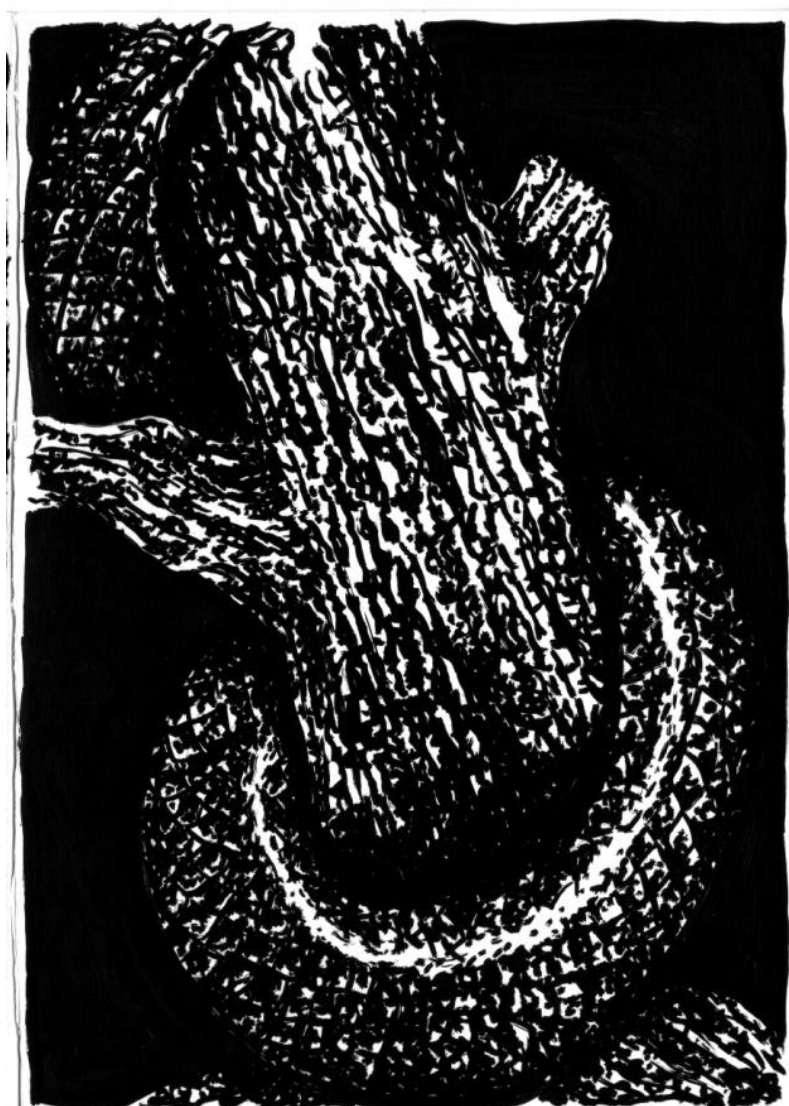


Figura 51: Desenho A5 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Posca sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.

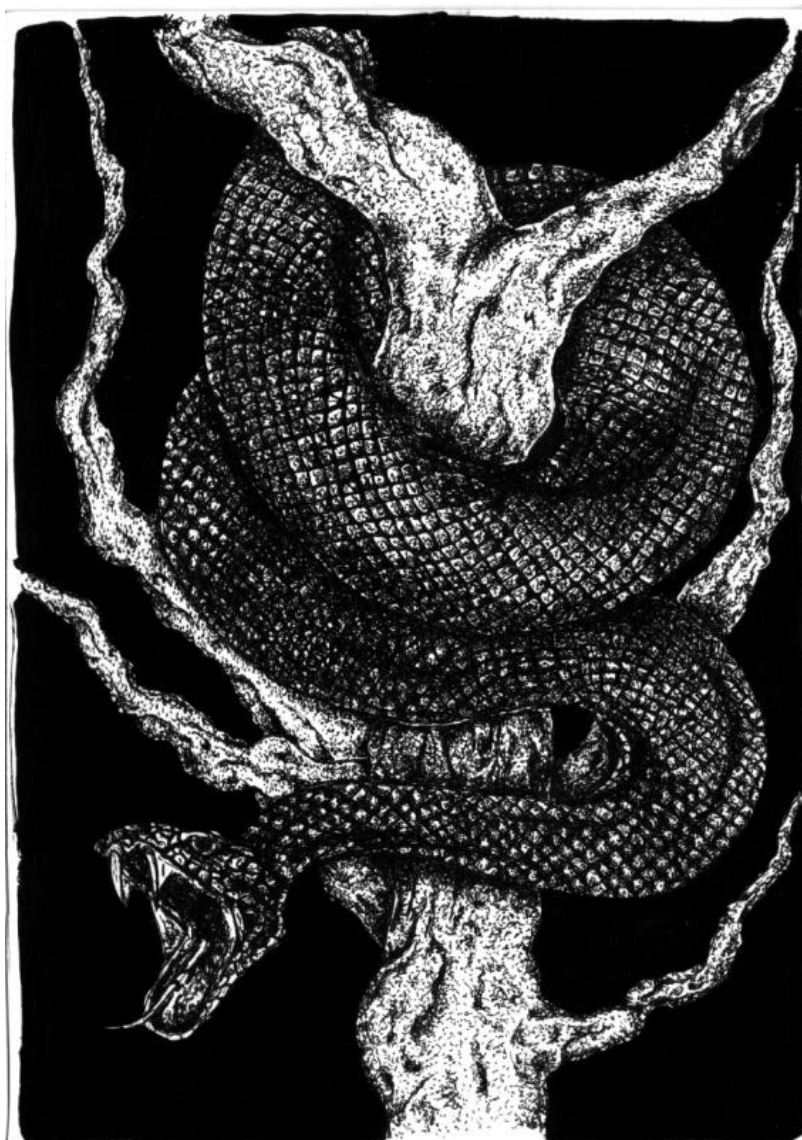


Figura 52: Desenho A5 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Posca sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.

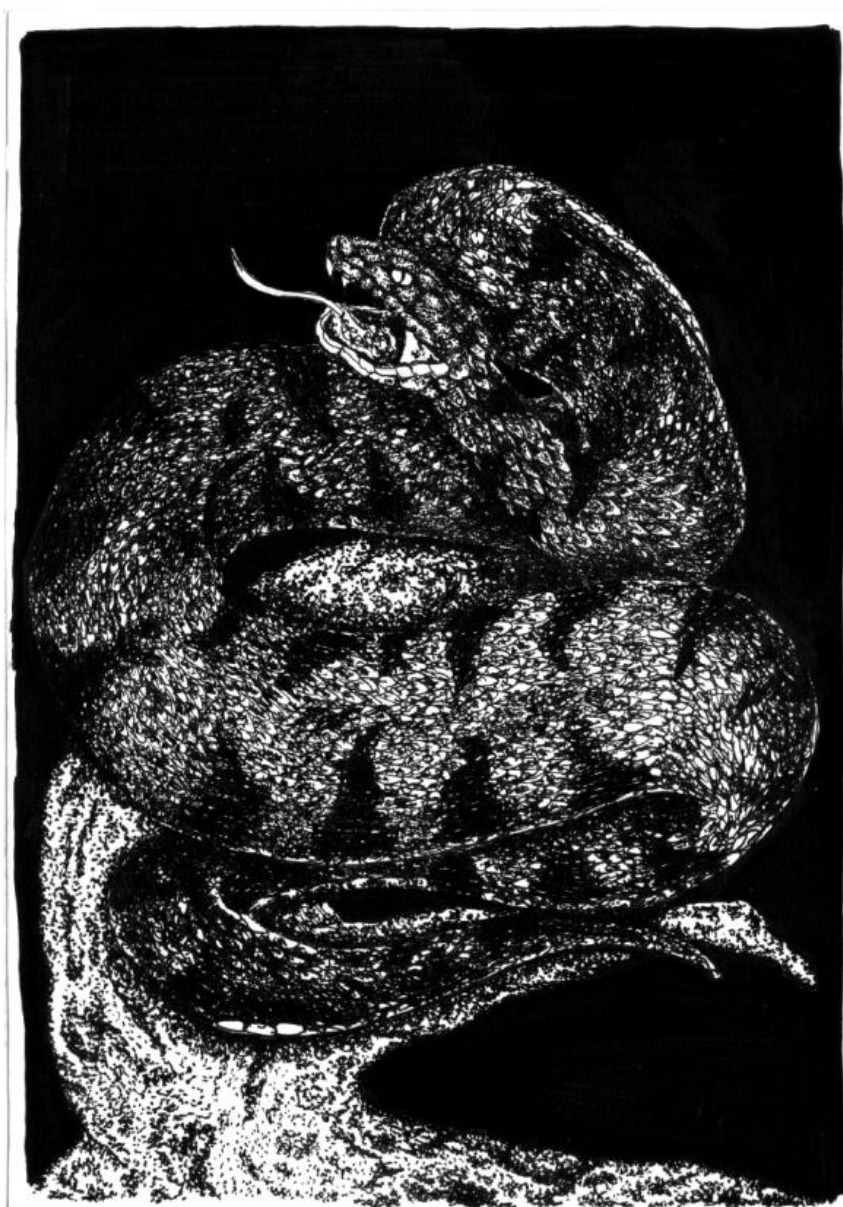


Figura 53: Desenho A5 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Posca sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.



Figura 54: Desenho A4 Serpente e Árvore;
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Nankim sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.



Figura 55: Desenho A4 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Posca sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.

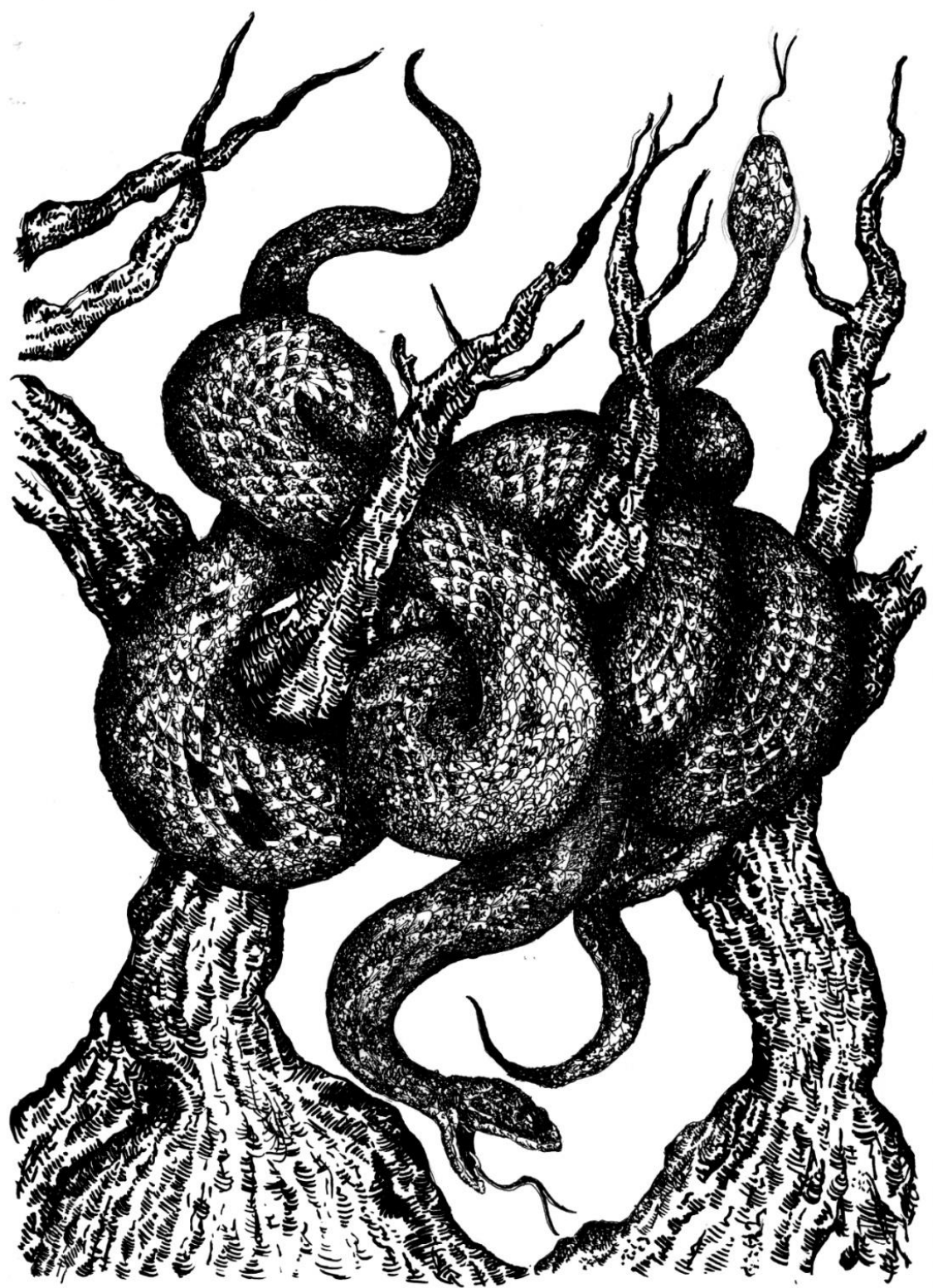


Figura 56: Desenho A4 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Nanquim e Posca sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.

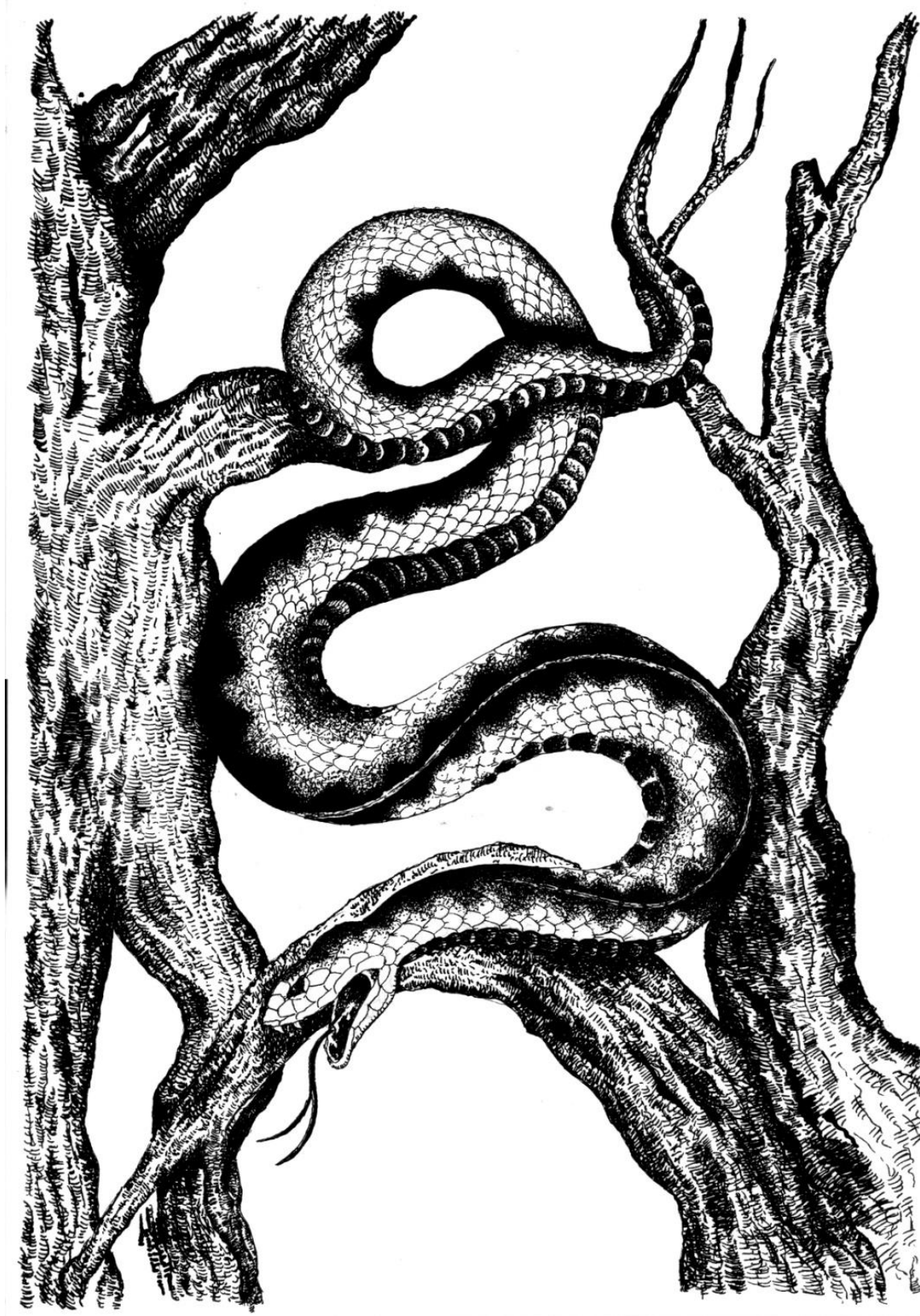


Figura 57: Desenho A4 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Nanquim sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.



Figura 58: Desenho A4 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Nanquim e Posca sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.

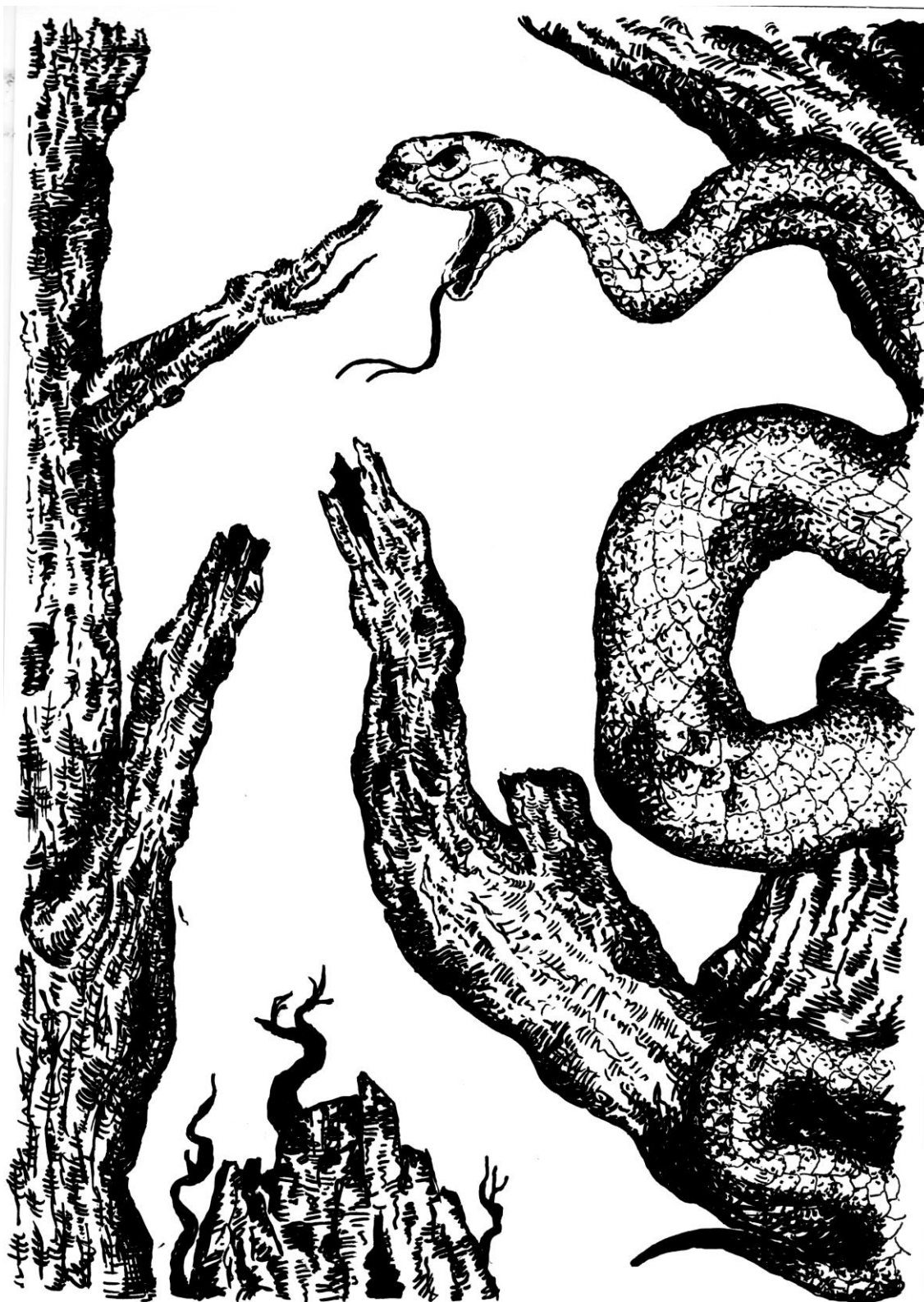


Figura 59: Desenho A4 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Posca sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.



Figura 60: Desenho A3 Serpente e Árvore
Luís Felipe Loyola, *Sem título*, 2017, Posca sobre papel.
Fonte: Acervo do autor.

Referências Bibliográficas

AVALLON, Arthur. O Poder da Serpente. 7ª Edição, Nova York. 1974.(carece formatação)

BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

CAMPBELL, Joseph, 1904-1987.O poder do mito / Joseph Campbell, com Bill Moyers ; org. por Betty Sue Flowers ; tradução de Carlos Felipe Moisés. -São Paulo: Palas Athena, 1990

CARDOSO, Ana Leal. (2015) – O imaginário da serpente na poética modernista de Bopp e Lawrence.Errâncias do imaginário... Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Pp. 13-20

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. RJ: José Olympio, 1998.

DERDYK, Edith. O desenho da figura humana. São Paulo: Scipione, 1990

Franchini, A. S., 1964 - As melhores histórias da mitologia nórdica / A. S. Franchini, Carmen Seganfredo. 5a ed. - Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2006. Incluindo versão romaneada da ópera "O Anel dos Nibelungos", de Richard Wagner.

GIRARD, Marc. *Os símbolos na Bíblia*. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, Journal of Book of Mormon Studies 10/2 (2001): 42–55, 70–71.1997.

KHALIL, L. M. G.. O ethos demoníaco na música: relações entre linguagem, voz e corporalidade. Revista Língua & Literatura (Online), v. 16, p. 44-70, 2015.

NICHOLSON, Irene. México e América Central. Biblioteca dos Grandes Mitos e Lendas Universais. Lisboa: Verbo, 1987.

MIKLOS, C. A Arte Zen e o Caminho do Vazio. 1. ed. Rio de Janeiro: AGBook Editora Virtual, 2011. v. 1. 195p.

OLIVEIRA, R.L.; CONDURU, R. Nas frestas entre a ciência e a arte: uma série de ilustrações de barbeiros do Instituto Oswaldo Cruz. História, Ciências, Saúde/Manguinhos, 11(2): 335-84, 2004

<http://www.ensinarhistoriajoelza.com.br/mosaicos-astecas-turquesa/> - Blog: Ensinar História - Joelza Ester Domingues

Revista da Faculdade de Letras < LÍNGUAS E LITERATURAS > Porto XV, 1998, p. 197-219.

Ribeiro, Maria Goretti. Imaginário da serpente de A a Z. [livro eletrônico]./Maria Goretti Ribeiro. Campina Grand: EDUEPB, 2017. 3500Kb. -212.(Série Leitura e Interculturalidade). Disponível em: <http://www.uepb.edu.br/ebooks/>

<http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2016/12/cobra-nasce-com-duas-cabecas-em-zoologico-de-cascavel-veja-o-video.html>. Acesso em 13/05/2017

<http://www.ensinarhistoriajoelza.com.br/mosaicos-astecas-turquesa/>. Acesso em 21/11/2017

<http://www.bbc.co.uk/ahistoryoftheworld/objects/1laQMhiDSRmss-MwRUNVIQ>. Acesso em 21/11/2017

<http://mythologian.net/ouroboros-symbol-of-infinity/> Acesso em 21/11/2017

<http://www.nicoladavid.com/literatura/dante-alighieri-1265-1321/a-divina-comdia-trechos-inferno-canto-xxv>; Acesso em 21/11/2017

<https://www.etsy.com/listing/115326085/agnello-transforming-into-a-serpent>. Acesso em 21/11/2017

<http://www.worldofdante.org/comedy/dante/inferno.xml/1.25>. Acesso em 21/11/2017

http://www.stelle.com.br/pt/inferno/notas_24.html#abesta. Acesso em 21/11/2017

Discografia Consultada

Aphorism - I (Digital) (2014)

Cro-Mags(CD)- best Wishes (1989)

DRI (EP) - Violent Pacification (1983)

Hellshock (LP) - Only the Dead know the end of the war (2003)

Napalm Death (CD)- Scum(1986)

O Cúmplice/Besta (LP) - Split (2015)

Toxic Holocaust (EP) - Gravelord (2009)